

BRASILEIROS!

Vós que sois livres, ajudai-nos a libertar um povo que vive escravizado há 33 anos. Olhai com simpatia a nossa causa.

«PORTUGAL DEMOCRÁTICO»

# PORTUGAL DEMOCRÁTICO

AÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191, SALA 2 — ANO IV — N.º 43 — SÃO PAULO, DEZEMBRO DE 1960 — CAIXA POSTAL 4.4 6 9

## TARRAFAL — Campo de Morte



Esta fotografia é um aspecto da secção reservada aos mortos do Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Tal como aconteceu nos campos nazistas de extermínio sistemático, muitos patriotas portugueses foram ali assassinados. Mortos na flor da vida, uns; ou quando já homens amadurecidos, nessa idade em que poderiam dar melhor a contribuição do seu saber e da sua competência, outros, como por exemplo Bento Gonçalves, que toda a gente admirava pelo seu saber e pela sua honestidade.

No primeiro plano está a campa de Francisco Nascimento Gomes, que entrando de castigo por 60 dias na célebre "frigideira", no fim de lhe terem sido espremidos muitos furúnculos a cacetada, sob as ordens do médico-assassino Esmeraldo Pais Pratas, deu baixa à enfermaria devido ao seu precário estado de saúde. Recordo-me com tristeza do gesto deste companheiro de sofrimento, quando entrei para o visitar: "Adeus, amigo... mais um..."

Alfredo Caldeira despediu-se, abraçando os companheiros e com lágrimas nos olhos, cheio de sofrimento, revelando a grande amargura de não ser possível com o seu sacrifício verem os que ficam, o nosso país libertado. E como estes, outros, muitos outros partiam continuamente para a morte sabendo o trágico e anónimo fim que os esperava, preocupados apenas em que os amigos informassem os seus de que sempre tinham sido homens honestos na luta contra o fascismo.

Recordo-me intensamente daqueles momentos de despedida e de vigília, em que cada um de nós tinha poucas esperanças de voltar a ver o sol do outro dia. Recordo-me dos trabalhos forçados nas pedreiras e nas valas, do intenso e duro cansaço, da má alimentação, dos castigos constantes, da angústia infinita e do sentimento que chegava a substituir a esperança na liberdade, indispensável como nunca.

Não é um cemitério comum, este, não. Jazem ali muitos dos nossos melhores Democratas, que deram a vida em defesa dos mais sagrados princípios da dignidade humana, que lutaram pela Liberdade. Outros foram ainda morrer a Portugal, como consequência dos sofrimentos e das torturas morais e físicas recebidas dos algozes. Um deles foi esse grande amigo e indefectível democrata, o professor Alberto Emílio de Araujo. Um deles, apenas, pois se torna impossível registrar todos.

Apesar de tudo, esses mesmos assassinos continuam governando a nossa Pátria, continuam torturando e matando impunemente, continuam espezinhando o nosso Povo e os seus mais lidimos representantes. Ah, que estes queridos mortos despertem para vingarmos a afronta e construir uma Pátria nova, onde os carrascos não tenham vez!

TOMÁS FERREIRA RATO

A TODOS VÓS, PRESOS E EXILADOS POLÍTICOS, IRMÃOS DE LUTA POR UM PORTUGAL SEM GRILHETAS NEM OPRESSÕES — O ABRAÇO MAIS SINCERO DE PORTUGAL DEMOCRÁTICO E QUE NOSSA ESTIMA VÁ ATÉ A MAIS PROFUNDA, E ESCONDIDA MASMORRA, QUE ESTA FRATERNA SAUDAÇÃO CHEGUE ATÉ AO MAIS LONGINQUO E ESQUECIDO EXILADO; E QUE A CADA VEZ MAIS FIRME FÉ NA PRÓXIMA LIBERTAÇÃO DA NOSSA PÁTRIA SEJA A VIBRANTE ESPERANÇA DE LÁ NOS ENCONTRARMOS TODOS!

NATAL FELIZ, COMPANHEIROS: UM ANO NOVO VEM AÍ!

Os povos de todo o mundo continuam exigindo dos opressores:

## ANISTIA!

A 2a. Conferência Pró-Anistia aos Presos e Exilados Políticos de Espanha e de Portugal mudou de data e de sede: vai realizar-se nos dias 27, 28 e 29 do próximo mês de janeiro, na cidade de Montevideu, conforme a comunicação que nos enviou a ilustre Secretária Geral da Comissão Coordenadora, Exma. Senhora Dra. Dolores De M. Vasão.

Esperam os portugueses democratas residentes no Brasil que, à semelhança do que aconteceu com a 1a. Conferência, e cujo êxito retumbante abafou as vozes reacionárias dos opositores, a representação da nossa grel tenha em Montevideu o mesmo destaque daquele que conseguiu aqui em São Paulo.



Os nossos patrícios escolhidos para irem a Montevideu são o escol da oposição portuguesa do Brasil ao tirânico governo de Salazar: Casais Monteiro, Manuel Sertório, Jorge de Sena e, possivelmente, mais dois ilustres professores universitários. Dos nomes indicados, como daqueles que vierem a completar a representação democrática, nenhum necessita de ser apresentado aos brasileiros, nem aos hispano-americanos que se reunirem na capital do Urugual, onde mais uma vez a América do Sul dará solidariedade e apoio aos seus irmãos perseguidos e encarcerados da Península Ibérica.

Espanhóis e portugueses, de alta categoria intelectual e política, se apresentarão no magno tribunal de Montevideu como testemunhas e

## Restauração de Portugal

Nesta hora de intensa e vibrante renovação democrática do Mundo, PORTUGAL DEMOCRÁTICO não podia deixar de fazer uma referência muito especial à data do 1.º de Dezembro: pelo que significa de lição do passado, impondo às chamadas elites a obrigação revolucionária de libertar as massas oprimidas, e pelo que representa de estímulo em nosso tempo de uma nova restauração das liberdades essenciais para a nossa Pátria sobre o jugo fascista!

PORTUGAL DEMOCRÁTICO

— Um Jornal Português Que Não É Submetido À Censura —

## A repressão nas colónias portuguesas

O governo de Salazar continua a aplicar aos territórios portugueses do Ultramar os métodos de perseguição e de violência, que são os únicos que conhece. Em 34 anos de poder, nunca teve outros; no plano político, no plano intelectual, no plano social, no plano económico, a política de Salazar cifrou-se sempre numa só palavra: repressão. Em presença da onda de auto-determinação que está transformando a face da Terra, como poderiam ser tratados os homens da Guiné, de Angola ou de Timor, senão como os do continente português sempre o foram, quando exigiam da oligarquia colonialista a sua "auto-determinação"?

PORTUGAL DEMOCRÁTICO manifestou e manifesta a sua firme fraternidade para com todos os movimentos de libertação do jugo colonialista, sabedor de que esse jugo só desaparecerá, para a Mãe-Pátria, quando os territórios seus filhos constituírem com ela uma vasta comunidade de homens livres. Mas PORTUGAL DEMOCRÁTICO põe de sobreaviso os portugueses de Portugal continental e aqueles que, nos movimentos anti-colonialistas, lutam contra a escravidão. Uns e outros podem, sem querer, fazer o jogo de Salazar. Desprovido de sustentação política, Salazar tenta fazer desses movimentos o incentivo à neutralização das forças democráticas que se lhe opõem e são a consciência do povo português. E esses movimentos libertadores, exasperados pela imobilidade de uma metrô-

pole, imobilidade que é opressão e ignorância da verdade, não concitarão em seu auxílio essas mesmas forças democráticas se, como Salazar deseja que o mundo pense, se esquecerem de que elas existem e são o único futuro político de Portugal. Muito português, iludido por anos de doutrinação patrioteira, julga que a sua segurança económica depende da sujeição dos territórios ultramarinos. E muito angolano ou timorense julga que a exploração colonial enriquece um povo todo, como sucede nas democracias burguesas de outros países europeus. A riqueza de Portugal, porém, depende da liberdade dos portugueses de aquém e além-mar. Da sujeição de todos é que depende apenas a riqueza da oligarquia que Salazar representa e cujos interesses defende.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO condena, com a maior veemência, qualquer repressão e qualquer violência. Reconhece o direito de todos os portugueses à sua auto-determinação. E, como sempre, acusa o governo de Salazar de pretender perpetuar-se, escondendo a verdade que teme e roubando a liberdade que, um dia que não vem longe, e para lá das dificuldades e das desilusões, unirá de fato os portugueses todos. Salazar e a sua camarilha dividem para reinar, e reinam para dividir os lucros da sua exploração colonialista.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO





# O terror policial contra a democracia

## Honra e Glória da Mulher Portuguesa

O despertar das consciências cívicas das mulheres portuguesas foi uma das surpresas mais desagradáveis com que o fascismo deparou. Tradicionalmente mantida num regime de escravidão, a mulher tem conquistado duramente o seu lugar ao sol, e hoje alinha ao lado do homem na luta contra o fascismo. A repressão não a poupa: pelo contrário, os agentes boçais da PIDE encarniçam-se ainda mais contra as mulheres, que eles estão habituados a encarar apenas como um objeto de prazer ou como um elemento de trabalho (para eles), e cuja dignidade nunca poderão compreender.

A lista das mártires femininas, na nossa luta de libertação é já longa e compreende algumas figuras inesquecíveis, como Catarina Eufémia, assassinada a tiros de metralhadora em 1954. Presentemente, entre outras acham-se nas enxovias da PIDE, onde suportam todas as humilhações, Ivone Dias Lourenço, jovem empregada de escritório, pertencente a uma conhecida família de democratas e que desde a idade de quatro anos começou a ser vítima de perseguições, juntamente com seus pais. Está presa desde 1957, sem julgamento; Aida Magro, engenheira, presa em 1957, já cumpriu a pena mas continua na cadeia; Maria Aida Noqueira, formada em ciências físico-químicas, presa em 1959; Maria da Piedade Gomes, presa em 1959; Maria Adelaide Aboim Inglês, presa segunda vez em 1959 com seu filho Carlos Aboim Inglês; Aida da Silva Paulo, mãe e filha, a mãe

com 60 anos (!), presas pela segunda vez em 1959, estão gravemente doentes; Sofia Ferreira, trabalhadora, presa pela primeira vez em 1949, sofrendo nessa ocasião três anos de cadeia. Foi novamente encarcerada em 1959 e condenada então a 8 anos de prisão. Seu estado de saúde é muito grave; Maria Luísa da Costa Dias, médica, presa pela primeira vez em 1953, tendo então cumprido um ano de prisão. Presa novamente em 1959. O seu estado de saúde é grave, só podendo ser tratada num estabelecimento hospitalar, onde estava sob tratamento quando a fuga de seu marido, Dr. Pedro Soares (um dos dez fugitivos de Peniche), levou a PIDE a arrancá-la dali violentamente como represália: finalmente, Maria Angela Vidal, presa em 1953 com um filhinho de 2 anos de idade. Mantida 11 meses completamente incomunicável e 4 anos sem julgamento, foi por fim condenada a 3 anos de prisão. Já passaram sete anos depois disso e esta lutadora abnegada continua presa, extremamente doente, com o sistema nervoso abalado. O seu caso indignou todas as consciências bem formadas do nosso país pelos aspectos bárbaros de que se reveste.

## O Caso Maria Angela: Cinco Advogados Presos

Com efeito, embora todos os médicos consultados reclamem o seu internamento num estabelecimento psiquiátrico, a Polícia Política continua a recusar a sua transferência. O advogado de Maria Angela obteve sempre uma recusa pura e simples como resposta aos

seus requerimentos legais junto ao Tribunal, em defesa da vida da sua constituinte. Em face de tão bárbara e ilegal situação, um grupo de advogados portugueses, encabeçados pelos drs. António de Macedo, Armando Bacelar, Mário Cal Brandão, Carlos Cal Brandão, Araujo Correia, Sousa e Castro, Taveira da Costa, Arlindo Vicente, Luís Salas, Palma Carlos e Abranches Ferrão constituíram-se em comissão pretendendo levar o caso ao conhecimento da ONU.

Pois a PIDE não só não consentiu no internamento de Maria Angela, como encarcerou os primeiros cinco dos advogados mencionados, acuando-os, como de costume, de "ação subversiva".

## Apelo das Prisioneiras Políticas

A desesperada situação em que se acham estas mulheres portuguesas levou-as a lançarem agora à consciência do mundo o seguinte apelo, a que ninguém pode ficar indiferente. É um eco, vindo das profundezas dos túmulos, a que certamente os corações portugueses e brasileiros vão responder ajudando cada vez mais a luta pela anistia dos nossos presos políticos: "AS PRESAS POLÍTICAS DE PORTUGAL dirigem-se às mulheres de todo o mundo, que das mais variadas formas têm vindo travando uma luta generosa e persistente pela sua libertação das garras dos carrascos salazaristas, para lhes dizer que grande é a sua gratidão pelos esforços despendidos pelas mulheres dos vários países da União Soviética à China, do Brasil às restantes nações da América Latina, a fim de conseguirem que os presos políticos portugueses sejam restituídos ao convívio dos seus lares e do seu Povo. Esses esforços, essas vontades firmes, encham o coração das patriotas portuguesas que se encontram encarceradas e submetidas às mais humilhantes e degradantes condições, de confiança e esperança em que os negros dias que vivem atualmente cedo acabarão, e que a luz da liberdade breve lhes será restituída."

## Cumpriram A Pena Mas Continuam Presos

Assinalamos acima que algumas das admiráveis lutadoras anti-salazaristas já têm a pena cumprida. Acontece o mesmo com mais os seguintes prisioneiros políticos: Francisco Miguel, que já passou 20 anos nas prisões da PIDE e que se acha agora novamente encarcerado, depois de se ter evadido da Fortaleza de Peniche; Manuel Rodrigues da Silva, que também já passou mais de 20 anos na prisão; Manuel Guedes, preso pela terceira vez em 1952, condenado a 4 anos e que, apesar da pena cumprida, se acha ainda no Forte de Peniche; Vitoriano Rodrigues, preso em 1948. Já cumpriu a pena mas continua na Fortaleza de Caxias; António Borges Coelho, dirigente do Movimento Juvenil, preso em 1955, tem a pena cumprida; Adolfo Ramos, preso em 1955 também já cumpriu a pena; Rolando Verdial, preso pela primeira vez em 1953, aguarda julgamento.

A solidariedade internacional é a única forma de obrigar o salazarismo, pelo menos, a cumprir as suas próprias leis pondo em liberdade estes lutadores democráticos que já cumpriram as suas penas.

## Prisões e mais prisões

Entretanto, a PIDE não descansa e continua lançando nas cadeias sucessivas levadas de democratas. Ultimamente, foi preso, em

Braga, o dr. Vítor de Sá, que ainda recentemente tinha sido homenageado por 500 democratas de todo o país; no Porto, têm sido presos muitos jovens, cujos nomes ainda não podemos publicar; em Lisboa, foi presa a dra. Cândida Ventura, licenciada em Letras, e o médico Orlando Ramos, que eram procurados já de longa data, pelas suas atividades democráticas. A PIDE desmentiu, e enviou para o estrangeiro esse desmentido, à notícia, divulgada pelos democratas portugueses da Inglaterra, da prisão do dr. Orlando Ramos. Entretanto, podemos assegurar que este valente anti-fascista se acha na verdade encarcerado.

## A Repressão nas Colónias

Sabemos que passaram por Lisboa, sendo depois enviados para o Forte Roçadas em Angola, doze presos políticos de Timor. Atualmente, acham-se nesta fortaleza angolana, cerca de quarenta timorenses.

A repressão em Angola e na Guiné atinge as raias da selvajeria. As dificuldades de comunicação não têm permitido que cheguem ao nosso conhecimento os pormenores das brutalidades policiais. Assim mesmo, podemos obter os nomes de alguns democratas presos em Angola e barbaramente seviciados. Além do Padre Pinto de Andrade e do dr. Agostinho Neto, cuja detenção já tínhamos anunciado, estão presos: Fernando Coelho da Cruz, funcionário dos correios; Bernardo Joaquim Simas, funcionário da DTA; Simão João Cardoso, professor primário; Adolfo João Pedro, estudante; Francisco João Weber, funcionário da alfândega; Adriano João Sebastião, funcionário das Obras Públicas; Cândido Fernandes da Costa, funcionário das Obras Públicas; Salvado Ferreira Inglês, motorista; Joaquim Amaral Gorgel, professor; Domingos Damião Neto, estudante; Rodolfo da Ressurreição Bernardo, estudante; Francisco Bernardo Horácio, datilógrafo; António da Mota Veiga, motorista; Manuel Augusto da Silva Coelho, estudante; Herbert Pereira Inglês, Alberto da Conceição, Bernardo Adão, marceneiro; David Bernardo Eça de Queirós, Pedro Sá de Vasconcelos Botelho e Jaime Inácio Teixeira.

## A ironia de uma farsa

A montagem em grande estilo da chamada "anistia geral" que o "benevolente" governo fascista português distribuiu, veio mostrar toda a canalhice em que foi concebida, ao fazer troar aos quatro ventos por intermédio das agências de informações internacionais, complacentes, "que a anistia decretada pelo governo para comemorar o centenário do infante Dom Henrique, abrange, entre outros, o escritor Aquilino Ribeiro, processado por injúrias à magistratura; o escritor e advogado Manuel Anselmo; o brigadeiro Ribeiro da Fonseca e o advogado Tiago Ribeiro, que há meses se encontrava refugiado na legação da Colômbia em Lisboa. (UPI), in "Diário de Notícias", Rio, 11-XI-60). Ora, todo o mundo sabe que Aquilino Ribeiro, com a sua grandeza intelectual e integridade moral, testemunhada inclusive pelo safado Salazar, não insultou ninguém; insinuou num romance o nome de bois que devia ser dado aos bois. A inclusão de um pulha mui digno servidor do estado novo, acusado de ladrão, que é Manuel Anselmo, mostra e prova que essa anistia apenas

## Timor, A Pequena Grande Mártir

Está comprovado, historicamente, que o governo salazarista preferiu colaborar com a expansão fascista japonesa, facilitando-lhe a ocupação da parte portuguesa de Timor, a fazê-lo com os governos democráticos que lutaram unidos contra o perigo nazista e esmagaram essa vitória de três cabeças: Alemã, Italiana e Japonesa. O regime de terror salazarista, que tanto clama contra o imperialismo da Índia, nada fez nessa altura, pois riase diabólicamente de estar facilitando o assalto à Austrália. A semente de revolta e nojo que dessa atitude durante a segunda guerra mundial despertou entre as populações timorenses, cujos elementos mais responsáveis tiveram de fugir para não serem entregues a ordens de assassinos, tem vindo desenvolvendo-se com potência e vigor cada vez maior. Dos últimos acontecimentos derivados dessa luta, destacam-se os graves incidentes que se registraram na ilha de Sonda, pelo que setenta nativos foram presos e enviados para um campo de concentração.

## Mais Presos Políticos São Fuzilados

O porta-voz do Grupo de Democratas Portugueses na Grã-Bretanha informou, como toda a imprensa internacional noticiou, que oito presos políticos foram recentemente fuzilados no pátio da prisão de Luanda, em Angola. Disse que ignorava a data exata em que as "autoridades" policiais do regime fascista português realizaram essas execuções, mas acrescentou que os cadáveres foram enterrados no interior da prisão, a fim de evitar qualquer manifestação pública. Dado o número de presos políticos de que se ignora o paradeiro, encarcerados sem abertura de processo judicial (daí se explica o muro inviolável que o salazarismo levantou a qualquer pedido de informação ou de assistência de juristas, até mesmo nacionais), fácil é compreender que Salazar voltou aos tempos mais ignóbeis da violência nazista, se não os está superando perante os olhos e as esquadras complacentes de certas potências ditas democráticas...

## OS POVOS DE TODO...

também vítimas de tantas violências, injustiças e atentados que os ditadores Franco e Salazar cometeram e cometem sem o protesto, nem a repulsa, nem a condenação desses Grandes que se arvoram em donos e defensores da tal civilização ocidental.

Da primeira conferência todos estão lembrados dos esforços desesperados que os governos de Espanha e Portugal, por suas representações diplomáticas, fizeram junto ao Itamarati, para que a grande reunião fosse proibida. Não houve torpe insinuação de que não lançassem mão para convencer as autoridades do perigo que representava para a Ordem Pública o magnífico e austero conclave patrocinado pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, por políticos e intelectuais brasileiros, e organizações sindicais, que representam a maior garantia dos princípios democráticos e da Liberdade deste País.

Como nada conseguiram e além da derrota que sofreram, se viram obrigados a reconhecer que era verdade quanto na sede da Faculdade de Direito foi explicado, estão lançando mão de outra tática visando tapar a opinião pública e querendo demonstrar que esta 2a. Conferência não tem razão de ser, visto que acabam de decretar uma anistia geral para os presos e asilados políticos.

A farsa é galga posta a correr nos prelos americanos, ingleses, franceses e doutras nações, e obedece às manhas jesuíticas do fradalhão de Santa Comba, que assim se descalça da bota dos refugiados nas Embaixadas, e com ela o Franco apanha mais um subsídio de muitos milhões de dólares para o plano económico e financeiro que apregoa.

O resto continua na mesma, sem tirar nem por, e com aquela chapa de comunismo, gasta e revelha, com que se justifica para o burguês apatado todas as tropelias e crimes dos ditadores.

Para Salazar, para o Franco e seus apaniguados, quem não vai ao beija-mão dos seus governos e se recusa a ingressar com armas e bagagens no Partido Único, está a soldo de Stalin, é pago pela Rússia, ou mais modernamente, pela China! E por isso mesmo, cadeia com tais e tão perigosos elementos.

Isso tudo vai ser mais uma vez dito e provado na 2a. Conferência Pró-Anistia para os Presos e Exilados Políticos de Espanha e de Portugal. E na imprensa de todo o mundo livre a verdade sobre a situação das duas apocalípticas ditaduras ficará registrada, irá influir na consciência e no coração daquêles que, por ignorância, por indiferença, nem se lembravam da possível existência das novas masmorras inquisitoriais.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO encontra-se, assim, à disposição de todos aquêles que desejarem participar, pessoalmente ou por intermédio de alguma comunicação elucidativa, nesta 2a. Conferência — de que nenhuma consciência humana poderá ficar desinteressada, pelo que significa de combate e luta pelos mais elementares princípios da Carta da ONU!

## MOVIMENTO PRÓ-ANISTIA

Para custear as despesas de deslocação do Delegado brasileiro à Europa, recebemos mais as seguintes importâncias:

Transporte	19.245,50
Um grupo de amigos de P.D. de Caxias (Rio)	550,00
Um democrata dos U.S.A.	170,00
Um grupo de democratas dos U.S.A.	850,00
<b>TOTAL:</b>	<b>20.815,50</b>

Pedimos a todos os assinantes que não venham recebendo regularmente PORTUGAL DEMOCRÁTICO, o favor de nos informarem, por escrito, a fim de que se possa tomar as necessárias providências.



# DE FRANÇA:

## MENSAGEM DE FÉ PARA PORTUGAL!

# REPORTAGEM FOTOGRAFICA

Ao comemorar-se o cinquentenário da revolução que implantou a República em Portugal, os emigrados portugueses em França afirmam os seus ideais republicanos e democráticos e declaram uma vez mais quanto o regime de Salazar é contrário aos desejos, interesses e direitos do Povo Português, só se mantendo pela tirania, a fraude e a violência.

Os emigrados saúdam todos quantos em Portugal lutam por conseguir um regime de liberdade a que a nossa Pátria tem direito;

Saudam os presos políticos como os filhos mais generosos e sacrificados do nosso Povo, e os democratas, que com esforço e riscos se dedicam ao difícil trabalho de organização política, em especial na preparação de uma larga ação intervencionista que nas eleições para deputados em 1961 seja um passo mais em frente na luta contra o salazarismo;

Saudam os elementos das forças armadas que nas fileiras tomam consciência dos seus deveres para com o povo português, negando-se a permitir uma luta entre irmãos;

Saudam os camponeses, os operários, os pescadores e os mineiros cuja luta vigorosa pelo aumento de salários é um elemento dominante na construção de uma vida mais digna e melhor no nosso País;

Saudam, enfim, todos os homens honestos que nas suas tarefas cotidianas se opõem e lutam contra a inérgia, o desleixo, a fraude, as injustiças e a incompetência fascistas.

Os emigrados portugueses, obrigados a buscar no estrangeiro condições de vida, de trabalho e de promoção social que não encontram na Pátria, pensam que essas condições podem ser conseguidas para o conjunto do nosso Povo.

Portugal precisa para isso construir uma República vincadamente democrática em todos os campos: político, económico e social, que nos dias de hoje seja digna sucessora da República de 1910.

Os emigrados afirmam a sua inteira confiança nas qualidades de trabalho, tolerância, coragem e amor à Pátria do Povo português para o conseguir. É este o significado com que hoje os portugueses residentes em França, parte integrante do Povo português, se dirigem aos portugueses de Portugal dizendo:

Viva a República!  
Viva a Democracia!

OS EMIGRADOS PORTUGUESES EM FRANÇA.  
Outubro de 1960.



No cemitério Père Lachaise: a comissão organizadora das comemorações depõe uma coroa de flores em homenagem a Afonso Costa, cuja sepultura foi previamente coberta com a bandeira portuguesa.

## Comitê para a defesa das liberdades em Portugal C.D.L.P

Exmo. Sr.

Alvaro Lins

S. Paulo — Brasil

O Comitê para a Defesa das Liberdades em Portugal, não podendo ficar insensível perante a nobre atitude de V. Exa. para com o governo de Salazar ao devolver-lhe a condecoração que lhe tinha sido outorgada, vem por intermédio do jornal PORTUGAL DEMOCRÁTICO, apresentar-lhe as mais efusivas saudações por essa atitude que tão altamente o dignifica e prestigia perante o mundo.

V. Exa. ao tomar tão magnífica atitude coloca-se no lugar de um dos melhores herdeiros das grandes figuras da independência da grande nação brasileira que tão bem lutaram e se opuseram aos desmandos de um governo caótico, de pilhagem, e opressor de uma era heroica da vossa libertação.

Hoje, pensamos, que V. Exa. sente com a vossa viril atitude, situando-a em épocas históricas diferentes, a existência da mesma gente a governar Portugal, Portugal novamente oprimido, espezinhado, Portugal escravagista e colonialista. Um Portugal aviltado pela mais negra reação que o governa e, por consequência, ultrapassado no grau de civilização e de progresso.

Daqui, enviamos a V. Exa. as nossas maiores felicitações e a expressão do nosso maior respeito por um comportamento que todos os homens deviam ter perante os inimigos da LIBERDADE.

Pelo Comitê para a Defesa das Liberdades em Portugal

TOMÁS FERREIRA RATO

## Ainda o 5 de Outubro na França

A presidência do banquete comemorativo do cinquentenário da proclamação da República Portuguesa foi constituída, além do Prof. Dr. Emídio Guerreiro, ex-professor assistente da Universidade do Porto, antigo combatente na Guerra Civil de Espanha, oficial das FFI (Resistência Francesa) e cidadão honorário francês, por: General Emilio Herrera, Presidente do Governo da República Espanhola, em exílio, e sua esposa; Senhora Colette Kahan, Vice-Presidente da Liga dos Direitos do Homem Francês e Secretária Geral da Federação Internacional das Ligas dos Direitos do Homem; Maître Joel Nordmann, presidente da Associação Internacional dos Juristas Democráticos; Maître Roger Superville, advogado que a PIDE não deixou desembarcar em Lisboa, onde tinha ido para estudar o processo de Aquilino Ribeiro, e Maître Garcia, da mesma associação; James Gardner, Presidente aposentado do Sindicato Inglês dos Trabalhadores de Fundação, vindo especialmente para participar das comemorações; Ivan Caripeau, do Comitê Político do Partido Socialista Unificado; Georges Frischmann, do Bureau Político do Partido Comunista Francês; Pierre Gamarra, escritor; Johanny Berloz, redator de "Democratie Nouvelle"; Prof. Dr. Manuel Valadares; Prof. Fernando Valera, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Governo Republicano Espanhol, em exílio, e sua esposa; Herrera Patera, poeta; José Ballester-Gozalvo, Presidente da Liga dos Direitos do Homem em Exílio; Fernando Zanca, representando a UGEVRE (antigos combatentes estrangeiros em França); Dr. Mário Sacramento, médico e escritor; Castro Soromenho, escritor, e sua esposa; José Augusto França, escritor; António Brotas, engenheiro; Tomás Rato, operário, e António Louro, do Comitê para a Defesa das Liberdades em Portugal; Silas Cerqueira, João Vieira e José Escada, pintores, e o Dr. Santana Dionísio, físico e investigador no CNRS, além de outras personalidades francesas, como representantes da imprensa, professores, etc.

Além dos oradores indicados no nosso último número, falaram também: o Dr. Mário Sacramento e Fernando Zanca, tendo encerrado as festas comemorativas o Dr. Emídio Guerreiro, que foi saudado com palmas fortes e prolongadas, o que refletiu bem o espírito de entusiasmo e de unidade democrática de todos os que ali se juntaram, numa confraternização inolvidável.



O Professor Dr. Manuel Valadares discursando durante o banquete comemorativo do cinquentenário da implantação da República Portuguesa, em Paris.



O General Emilio Herrera, Presidente do Governo da República Espanhola (no exílio), tendo à sua direita o Professor Emídio Guerreiro e à sua esquerda a Senhora Emilio Herrerp.



A senhora D. Colette Kahan, da Liga dos Direitos do Homem, cujo discurso foi das mais belas contribuições francesas para a glorificação de 5 de Outubro.

# A LUTA PELA LIBERTAÇÃO

Palavras do Prof. Dr. Manuel Valadares no banquete comemorativo do cinquentenário da proclamação da República Portuguesa, realizado em Paris.

Estamos num ambiente festivo, mas é com tristeza que falo. A tristeza da romagem feita esta manhã ao túmulo de Afonso Costa, a tristeza do desaparecimento da vida de homens como Jaime Cortez e Santos Silva, mortos sem ver restaurada a República e que só levaram para a tumba a consolação de uma grande honestidade. A tristeza de todos aqueles que morrem lentamente nas prisões salazaristas.

Há dias li uma pequena notícia. A notícia da condenação de José Magro a 10 anos de prisão, mais 3 de medidas de segurança ilimitadas. Porque me comoverão tais notícias? Porque penso nos rapazes e moças que me passaram pelos bancos da Universidade. Porque estou a ver ainda José Magro, aos 18 anos, aluno dos preparatórios de Medicina, figura delgada, admirá-

vel estudante, que poderia vir a ser um médico de valor... e preferiu a uma vida cômoda a luta difícil na ilegalidade.

Estou a ver nos bancos dessa escola Maria Luíza Costa Dias, essa moça que foi levada do hospital para a prisão pelo "crime" de seu marido se ter evadido. Em todos os cursos encontro rapazes e moças que sacrificaram o melhor da sua vida, dos 20 aos 40 anos, no combate ao fascismo. Sim, sinto uma profunda tristeza. Mas com laivos de esperança, porque um povo de tal qualidade não pode ficar vencido! Porque esses homens e mulheres que hoje estão no coração do Povo português, andarão amanhã aos seus ombros, quando esse Povo puder gritar verdadeiramente

VIVA A REPÚBLICA!



# Mensagem aos Guineenses e Caboverdianos residentes no Senegal e no Sudão

**FRENTE REVOLUCIONARIA PARA A INDEPENDENCIA NACIONAL DAS COLONIAS PORTUGUESAS (FRAIN) PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDENCIA**

O colonialismo tem os seus dias contados. Os povos africanos estão a acabar com o colonialismo para construir os seus países na liberdade e na Paz.

Os territórios de Senegal e do Sudão conquistaram a sua independência política; o Congo, dito Belga, luta ainda; o Gabão, o Tchad, a República Centroafricana e a República do Congo serão em breve independentes. Até ao fim deste ano, outros países africanos, como a Somália, a Nigéria e o Tanganica, conquistarão a sua independência.

Nas colónias portuguesas a luta contra o colonialismo está a desenvolver-se cada vez mais e melhor. Apesar da repressão policial, das tropas e dos assassinos cometidos pelos fascistas, os povos das colónias portuguesas estão decididos a acabar com o colonialismo.

No campo internacional, depois da grande vergonha que os colonialistas portugueses passaram na ONU, é cada dia maior o apoio à nossa luta. Hoje no mundo ninguém acredita já nas mentiras dos colonialistas portugueses que cada vez mais estão isolados e desesperados.

Os povos da Guiné e de Cabo Verde estão na frente dessa luta. O Partido Africano da Independência, criado na Guiné por guineenses e caboverdianos, é a organização que tem dirigido a luta dos seus povos pela liberdade e pela independência. Nas nossas terras o nosso Partido tem organizado o povo para a luta, e as suas forças são cada vez maiores. Formou uma frente de Libertação da Guiné e Cabo Verde, inspirou a criação do Movimento que existe no Senegal e está a organizar os guineenses e caboverdianos que se encontram nos outros países vizinhos.

No Plano Internacional, o nosso Partido, aliado às outras organizações das Colónias de Portugal, tem atacado de frente e toma parte ativa na coordenação da luta de liquidação total do colonialismo fascista em África.

Dentro de algum tempo a Guiné portuguesa ficará cercada completamente por países africanos independentes. Os nossos povos que sempre lutaram contra o colonialismo, querem e vão acabar com ele imediatamente.

**Guineenses e Caboverdianos!**

Chegou a hora de entrarmos numa fase decisiva da nossa luta. Temos de cerrar fileiras, de ter consciência das nossas forças e das forças e fraquezas dos nossos inimigos; temos de marchar decididos para a libertação da Guiné e de Cabo Verde.

Uma grande arma na luta contra o colonialismo é a união de todas as forças que querem acabar com ele. Esta união já existe nas nossas terras e ela tem de existir entre todos os guineenses e caboverdianos que estão fora das nossas terras. O primeiro passo que temos de dar, nesta nova fase da nossa luta, é realizar a união de de todas as nossas forças.

**Compatriotas!**

Uní estreitamente, numa base democrática e numa só frente, todos os guineenses e caboverdianos para a luta contra o colonialismo!

Os colonialistas dividiram-nos para reinar, para nos escravizar melhor. Hoje, nós devemos unir-nos todos, para acabar com o colonialismo, para conquistarmos a nossa independência e fazer o progresso dos nossos povos.

Guineenses e caboverdianos, "badius" ou "sampadjudod", manjacos ou fulas, balantas ou mandigas, papéis ou beafadas, felupes ou mancanhas, seja qual for a terra onde nascemos ou o grupo a que pertencemos — somos um só povo e devemos estar unidos na luta pela liberdade, pela independência e pelo progresso das nossas terras.

Cada guineense e cada caboverdiano deve dedicar-se cada vez mais à nossa luta pela liberdade, deve trabalhar cada vez melhor para a nossa união, deve combater para que se torne cada vez mais próximo o dia da nossa vitória sobre o colonialismo fascista português. A luta decidida de cada um de nós e das nossas organizações patrióticas é o elemento mais precioso do movimento libertador dos nossos povos.

Lutemos para reforçar a nossa união e unamo-nos para acabarmos depressa com a dominação colonialista na Guiné e em Cabo Verde!

Glória aos nossos irmãos já tombados na luta pela libertação das nossas terras!

**Viva a união de todos os guineenses e caboverdianos!**

**Viva a frente de libertação da Guiné e Cabo Verde!**

**Viva o Partido Africano da Independência!**

**Abaixo o colonialismo português!**

**Pelo Bureau Político do P. A. da Independência:**

a) ABEL DJASSI

## FINALMENTE!

O LIVRO DO SR. EMBAIXADOR ALVARO LINS tão ansiosamente esperado:

# « MISSÃO EM PORTUGAL »

Pedidos a PORTUGAL DEMOCRÁTICO

## Londres: Violento ataque a Portugal na Câmara dos Comuns

LONDRES, 23 (AFP) — Portugal e seu regime político foram hoje atacados violentamente, no Parlamento Britânico, por deputados trabalhistas. O representante Fenner Brockay perguntou ao chanceler-adjunto Edward Heath, por que se absteve o delegado da Inglaterra quando a Comissão de Tutela da ONU votou uma resolução convidando Portugal a dar informações sobre seus territórios coloniais. Perguntou-se ainda ao chanceler-adjunto a razão pela qual a Grã-Bretanha votou contra um pedido da Nigéria, na Assembléia da ONU, sobre a suspensão das eleições de três membros não-permanentes do Conselho de Segurança.

No que se refere à primeira pergunta, Heath declarou que, há dez anos, o governo britânico sustenta que a potência que administra um território sob mandato é que decide de suas obrigações com respeito à ONU. Brockay retrucou que o pedido da Nigéria tinha por objetivo impedir o acesso de Portugal ao Conselho de Segurança, que devia ser proposto pelos Estados Unidos e Grã-Bretanha, e que "Portugal é uma ditadura na Europa, na África e na Índia". ("O Estado de S. Paulo", 24-XI-60)

# MENSAGEM

« NOVIETO DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA »

Por ocasião do cinquentenário da proclamação da República, aprez-nos saudar nas vossas pessoas alguns dos legítimos representantes de Portugal.

Inclinamo-nos respeitosamente perante tôdas as vítimas portuguesas que nestes últimos trinta anos pagaram com a vida o seu arjor no combate contra o regime de Salazar.

O "Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA)" continua a apelar para a consciência política dos diversos representantes da oposição portuguesa, no sentido de esclarecerem o povo português sobre as nefastas conseqüências de uma nova guerra colonial. Na nossa mensagem de 30 de junho último, declaramos nomeadamente: "O povo angolano e o MPLA não pretendem combater o povo português. Não acreditamos que este povo que, ao longo da sua história e em face de invasores e opressores, deu exemplos de luta por amor à liberdade, queira, no presente, sancionar guerras e massacres que levarão os seus filhos à morte para benefício exclusivo de um punhado de exploradores".

Estamos, pois, certos, de que neste 5 de outubro do "ano de África" vós não deixareis de reiterar, como pelo passado, uma condenação real e efetiva do colonialismo português.

A vossa luta pelo triunfo das liberdades democráticas em Portugal, como a nossa luta pelo direito do povo angolano à autodeterminação — que são interpenetráveis nos seus objetivos — sairão em breve vencedoras do nosso atual inimigo comum: o fascismo.

Pelo Comitê Diretor,  
a) MÁRIO DE ANDRADE  
(Presidente)

## As realidades nas colónias portuguesas da África

ABEL DJASSI

Onze milhões de africanos sofrem sob a dominação colonial portuguesa. As colónias portuguesas cobrem uma área de cerca de dois milhões de quilómetros quadrados (cerca de 5% do continente e maior que as áreas juntas da Espanha, França, Alemanha, Itália e Inglaterra). A população africana destas colónias tem sido escravizada por um pequeno país, o mais atrasado da Europa.

Estes dois milhões de quilómetros quadrados são dotados de riquezas naturais. A terra permite agricultura e alimento para o gado. O subsolo contém ferro, carvão, manganês, petróleo, bauxita, diamantes, ouro, metais raros, etc. A variedade e beleza da natureza oferece boas possibilidades para o turismo.

Ao lado destas riquezas naturais, algumas exploradas pelos colonialistas, os africanos vivem a um nível sub-humano, como servos no seu próprio país.

### DESPREZO PELOS AFRICANOS

Depois do comércio de escravos, conquista pelas armas e guerras coloniais, veio a completa destruição da estrutura económica e social da sociedade africana. A fase seguinte foi a ocupação europeia e a sempre crescente imigração portuguesa para estes territórios. As terras e propriedades dos africanos foram pilhadas, a taxa de soberania portuguesa foi imposta, e também foi imposta a agricultura de certos cereais, o trabalho forçado, a exportação de trabalhadores africanos, e o controle total da vida coletiva e individual dos africanos, pela persuasão ou pela violência.

A medida que a população europeia aumentava, crescia o desprezo pelos africanos. Os africanos foram excluídos de certos tipos de ocupação, incluindo alguns dos trabalhos da mais baixa qualificação. A discriminação racial é aberta ou hipocritamente praticada. Os africanos foram expulsos das poucas terras férteis que lhes tinham deixado para que "colonatos" para europeus aí pudessem ser construídos. A organização política, social ou sindical é proibida aos africanos que não gozam dos mais elementares direitos humanos. Quando foi adotada a Carta das Nações Unidas, dando a todos os povos o direito de autodeterminação, a Constituição portuguesa foi apres-

sadamente modificada. O nome "colónia" foi substituído por "territórios ultramarinos", habilitando assim Portugal a dizer que não tem colónias e não pode apresentar relatórios sobre os seus territórios africanos.

Como os africanos despertaram e começaram o movimento para a liberdade e independência, os esforços para os controlar e oprimir foram redobrados. A polícia secreta política foi criada. O exército colonial foi reforçado. Em Portugal a mobilização militar foi incrementada, acompanhada de manobras militares e demonstrações de força. Foram construídas bases navais e aéreas nas colónias. Foram enviados observadores militares à Argélia. Foram elaborados planos estratégicos para uma guerra contra os africanos. Realizaram-se acordos políticos e militares com outras potências coloniais. Novas e maiores concessões económicas vantajosas foram dadas a empresas estrangeiras.

As reivindicações dos africanos e do trabalho das suas organizações de resistência, que são forçadas a manter-se clandestinas, resultaram em severa repressão. Tudo isto foi e continua a ser realizado em nome da "Civilização e Cristandade" pelo mais retrógrado sistema colonial.

Tanto as reservas humanas como as naturais destas colónias são exploradas e negociadas pelo mais baixo valor possível. Os colonialistas renegam a prática dos princípios cristãos na sua falta de respeito pelo ser humano, e fazem tudo o que podem para esconder os efeitos da sua "influência civilizadora".

Enquanto a Humanidade procura a sua unidade e a comunidade de interesses baseada na paz e no reconhecimento dos Direitos do Homem, a liberdade e igualdade entre todos os povos, os colonialistas portugueses preparam-se para lançar novas guerras coloniais.

### ARGUMENTOS INCONSISTENTES

O colonialismo português só pode oferecer argumentos inconsistentes, despidos de conteúdo humano ou científico, para justificar a sua existência e encobrir os seus crimes. Estes argumentos são negados pelos verdadeiros fatos que os colonialistas portugueses tentam esconder. Os argumentos mais usados são os que seguem:

a) — Direitos históricos

### Resposta

Este conceito, no que concerne à "África Portuguesa", foi enterrado na Conferência de Berlim em 1885 pelas potências coloniais e não foi, em caso nenhum, aceite pelos africanos.

b) — O processo de "civilizar", cujos meios reais e resultados são cuidadosamente escondidos por Portugal.

### Resposta

Este processo está sendo levado à prática por um país subdesenvolvido com um rendimento nacional mais baixo do que, por exemplo, Ghana, e que não foi até agora capaz de resolver os seus próprios problemas.

c) — A teoria colonialista da chamada "assimilação".

### Resposta

É inaceitável não só em teoria mas também na prática. É baseada na ideia racista da "incompetência" ou "falta de dignidade" do povo africano, e implica que as culturas e civilizações africanas não têm valor.

d) — A ideia de criar uma sociedade multi-racial nas colónias, legalmente baseada no Estatuto Indígena — apartheid português.

### Resposta

Isto evita todo o contacto social com a chamada população civilizada e reduz 99% da população africana a viver em condições sub-humanas.

e) — "Unidade nacional" com as colónias, um conceito que foi apressadamente introduzido na Constituição Portuguesa como um meio de evitar as responsabilidades impostas pela Carta das Nações Unidas.

### Resposta

Este infeliz subterfúgio contradiz todos os fatos geográficos, históricos, étnicos, sociais e culturais, e apresenta-se em conflito com as leis em vigor nas colónias concernentes às suas relações na prática com Portugal.

f) — O "clima de paz" que Salazar afirma que existe.

### Resposta

Nas colónias, os africanos não têm direitos políticos e não podem formar sindicatos. Os africanos não gozam mesmo dos mais elementares direitos humanos. A despeito duma corrupta polícia política, uma administração colonial desumana e os brutais soldados e milícia dos colonos, as organizações nacionalistas africanas estão oferecendo ativa resistência ao colonialismo português.

(Continua no próximo número)



# O que se passa com as Colónias Portuguesas?

PAULO DE SOUSA

(Conclusão)

Debruçamo-nos no artigo anterior sobre as medidas que o governo português tem vindo a tomar no campo internacional para grangear apoio para sua política colonial.

Vejamos agora como vem atuando em Portugal e suas colónias.

O governo português está perfeitamente consciente de que a sua obstinação em querer manter o atual estatuto nas colónias o levará à aventura das guerras coloniais. Por isso trata de criar entre o povo português o ambiente psicológico necessário para suportar pesados sacrifícios. E fá-lo utilizando todas as possibilidades da "máquina" que montou. As manifestações "espontâneas" de apoio ao governo e à sua política colonial sucedem-se por todo o país e colónias. Há que fazer crer a toda a população que Portugal está a ser vítima de um "complot" internacional, que se pretende atentar contra a soberania da nação.

## AGRAVAMENTO DO FASCISMO

Simultaneamente, a censura torna-se ainda mais apertada para que de forma alguma seja possível aos portugueses conhecer os verdadeiros factos, o que realmente se passa com as colónias. Os jornais vêm cheios das respostas dos representantes do governo na ONU, dos discursos dos ministros e dos mentores da União Nacional, das mensagens a Salazar dos portugueses de todo o mundo, etc., mas em parte nenhuma se encontram os relatos dos debates, discursos e ataques proferidos contra a política colonial portuguesa pelos representantes de outras nações. É sempre a mesma técnica que há tantos anos conhecemos. A repressão policial aumenta, as medidas de carácter fascista avolumam-se.

E aparecem também os apelos à união de todos os portugueses, ao esquecimento das "pequenas questões caseiras" perante o enorme perigo que a Pátria enfrenta no exterior.

Enviem-se mais e mais tropas e armas para as colónias, intensifi-

ca-se o treino dos militares, embarcam-se os policiais e tropas de choque com ordens para repressão violenta.

E assim se procura uma vez mais deturpar inteiramente a realidade, apresentar ao povo português um problema completamente ao contrário

Nas colónias procede-se da mesma forma. Deformam-se os acontecimentos da África de molde a criar nas populações brancas a ideia de que não têm outra alternativa senão prepararem-se para a guerra, para se manterem pela força. Entretanto a repressão sobre os povos coloniais é cada vez maior e mais violenta.

## A OPOSIÇÃO EM PORTUGAL

E quem se opõe a todas estas medidas, que forças existem capazes de sustar o desenvolvimento de tão maquiavélicos planos?

Em Portugal espera-se que a Oposição saiba encontrar os meios necessários não só de definir a sua posição como de levar a todo o povo português o esclarecimento completo sobre os verdadeiros dados do problema. Esta é uma tarefa urgente e inadiável do movimento oposicionista português. Os líderes, as organizações, os partidos, têm de mostrar-se à altura da hora presente. O problema colonial deixou de ser, por força das circunstâncias, um problema a resolver no futuro, depois da queda do salazarismo, para ser mais um problema, um grave problema da hora presente, susceptível até de se tornar dentro em breve o maior problema do povo português!

## OPOSIÇÃO NAS COLÓNIAS

Nas colónias não é perceptível ainda nenhum movimento de parte das populações europeias mais esclarecidas, se exceptuarmos a digna e exemplar intervenção dos elementos há pouco tempo condenados pelos tribunais fascistas de Luanda. Mas não pode haver dúvidas de que a pouco e pouco certos setores da população, em especial dos elementos nascidos nas colónias, encontrarão as formas de manifestar o seu descontentamen-

to e a sua oposição à cega política colonial salazarista.

Apesar da feroz e desumana repressão a que estão sujeitos, é entre os povos coloniais que vamos encontrar os embriões das futuras organizações que imporão as soluções justas do problema. Os movimentos de emancipação, ainda que sofrendo a perda de muitos elementos presos pela PIDE, continuam a incentivar a sua luta no interior e no exterior das colónias. Estão presentes nas conferências e reuniões de países africanos, carregam apoio internacional para a sua causa, centralizam e unem diversas organizações.

Constitui o tema principal das suas reivindicações a exigência de uma solução pacífica do problema colonial, devendo Portugal permitir aos povos das suas colónias a escolha livre do seu estatuto, do seu sistema de governo, dos seus governantes. E também a afirmação de que se o governo português não aceitar estas elementares reivindicações se tornará responsável perante os povos de todo o mundo pelos acontecimentos futuros.

## CONCLUSÃO

A quem estiver habituado a observar os fenómenos sociais isoladamente, a considerá-los como acontecimentos livres, um pouco ao jeito do acender e apagar dos pililampas numa noite estrelada, poderá parecer que, a despeito de certas manifestações internas e externas, Portugal poderá manter a sua situação atual nas colónias ainda por muitos anos.

Esforçamo-nos nestes artigos por mostrar aos outros, que já adquiriram consciência de que um desembarque de vinte barbudos em Sierra Maestra é um acontecimento capaz de alterar muita coisa neste mundo, que a situação nas colónias portuguesas é susceptível de evoluir muito rapidamente.

Por exemplo, durante o período em que vieram a lume estes artigos, o grupo das nações africanas na ONU passou a ser o maior de todos, e o bloco afro-asiático garante por si só quase 50% dos votos na Assembléia Geral. Acontece também que a Inglaterra, a nossa velha aliada, se absteve de votar a nosso favor na questão do fornecimento de dados da administração colonial (ainda que parece incrível há quem pense que a Inglaterra tem mais interesse em apoiar Portugal do que Ghana ou a Índia, países do Commonwealth).

Fazemos votos para que do jogo de todas as forças que analisamos venha a resultar a solução justa e pacífica do problema, e não uma carnificina que só traria maiores sofrimentos e miséria ao povo português e aos povos coloniais.

# Movimento Popular de Libertação de Angola

## Declaração

No nosso "Apelo aos Estados membros da ONU", de 13 de setembro último, submetemos à apreciação dos delegados da organização internacional alguns fatos provando que as chamadas "províncias portuguesas de além-mar" são colónias e, por maioria de razão, territórios não autónomos. Eis por que pedíamos aos Estados membros da ONU exigissem que Portugal cumprisse todas as exigências do artigo 73 da Carta e que a questão dos territórios sob dominação portuguesa fosse inscrita na agenda da presente XV sessão.

O MPLA não deixou, desde a sua fundação em 1956, de revelar à opinião pública internacional a verdade sobre os crimes do colonialismo português. A ninguém é lícito ignorar esses métodos de exploração herdados da escravatura que os dirigentes atuais de Portugal continuam a praticar nas suas colónias. Ninguém poderia igualmente ignorar que a política praticada nestes últimos anos pelo governo salazarista de Salazar significa a preparação de uma guerra colonial preventiva, muito particularmente em Angola.

Aqueles que porventura duvidassem ainda da realidade desses planos de extermínio do povo angolano, lembraríamos em primeiro lugar que em frequentes declarações de responsáveis militares portugueses, esses planos foram publicamente confessados. Mas eis um fato recente que desejamos acrescentar ao "dossier": o massacre de Icolo e Bengo, povoação situada a 30 quilómetros de Luanda, capital de Angola.

Icolo e Bengo é a terra natal do líder do MPLA, o poeta e médico AGOSTINHO NETO, encarcerado em princípios de junho último. Foi a notícia desta medida arbitrária que um milhar de manifestantes (homens, mulheres e crianças) se dirigiu à sede da circunscrição administrativa de Catete, a fim de pedir a libertação do seu compatriota. Apresentaram-se diante do prédio da administração. Mas as autoridades coloniais, avisadas desta manifestação pacífica de uma população sem armas, tinham pedido reforços militares. Duas companhias de soldados portugueses estavam no local e atiraram à queima-roupa sobre os manifestantes. Balanço: 30 angolanos mortos e 200 feridos.

de Estado que, da tribuna da ONU, quando do debate geral, salientaram a opressão sofrida por nossos povos e o anacronismo da política colonial portuguesa.

O MPLA regozija-se com a solidariedade manifestada para com os nossos povos, pelos presidentes Kruschew, Sekou Touré, Nkrumah. No dia seguinte a estes acontecimentos sangrentos, os mesmos soldados foram levados para Icolo e Bengo. A povoação mártir foi pilhada, incendiada e arrasada, enquanto grande parte da população era encarcerada. Esta região ficou longo tempo interdita.

Este exemplo concreto de genocídio, o fato de continuarem arbitrariamente presos milhares de patriotas, o processo intentado contra 50 nacionalistas acusados "de atentado à segurança externa do Estado e à integridade da Nação" (leia-se: Portugal), todos estes fatos mostram a amplitude da repressão em Angola.

A estes e outros fatos análogos, por nós anteriormente denunciados, nenhum desmentido mesmo oficial pôde alguma vez ser oposto.

Tais são os métodos empregados por um governo co-sinatário da Carta das Nações Unidas e cuja doutrina se reclama de Cristo e do Ocidente.

Enquanto as boas consciências ocidentais, segundo as quais o colonialismo se acharia já enterrado, silenciam, estas realidades e silenciam estas realidades e protegem assim o governo português, o MPLA sente-se feliz em poder saudar as intervenções dos chefes pelo vice-presidente do Conselho da República do Congo (capital, Brazzaville), Sr. Tchichelle, e por outras personalidades.

Como é sabido, a Assembléia Geral da ONU inscreveu na sua ordem do dia, por voto unânime e em consequência da notável intervenção do Presidente Sekou Touré, a discussão da "declaração sobre a concessão da independência aos países e aos povos coloniais", apresentada pela URSS.

Na perspectiva desse debate, o MPLA declara solenemente:

1.º) Nenhuma argúcia jurídica deveria permitir à delegação portuguesa furtar-se às suas próprias responsabilidades. O debate sobre o direito à independência dos povos colonizados interessa, pois, particularmente, aos países sob dominação portuguesa;

2.º) Os países afro-asiáticos representados na ONU, quer em virtude da sua experiência e do seu passado de luta contra a opressão colonial, quer em virtude da esperança que os povos das colónias portuguesas depositam neles, têm o dever de contribuir com todas as suas forças para fazer condenar de maneira inequívoca o colonialismo português;

3.º) No caso em que alguns julgassem estar ainda insuficientemente informados sobre o colonialismo português, pomos à sua disposição todos os documentos úteis;

4.º) Perante a negação sistemática do direito do povo angolano à autodeterminação pelo governo português e perante a sua atitude hostil no que se refere a uma regulamentação pacífica da questão colonial, as organizações políticas de Angola não poderão senão apoiar sem reservas e sob todas as formas que pudessem tomar no futuro, o combate do povo angolano pela sua independência;

5.º) O governo português seria por esse fato o único responsável pelo conflito sangrento que essa situação pudesse provocar.

Conakry, 25 de Outubro de 1960. Pelo Comité Dirigente do Movimento Popular de Libertação de Angola

MARIO DE ANDRADE, Presidente — VIRIATO DA CRUZ, Secretário Geral.

# NÓS E AS COLÓNIAS

MARCELO RODRIGUES

"É preciso, creio, que estas coisas sejam ditas: pois o momento se aproxima em que cada um deverá tomar as suas responsabilidades". (Carta de J. P. Sartre ao Tribunal Militar).

Lacónicamente, as notícias vêm ao conhecimento do público. Somos julgados e não mais é possível encobrir as altas vozes de acusação. Como acreditar nelas? A semelhança das situações na nossa Pátria e nas nossas colónias é tal que julgando-as, julgamo-nos.

Nós fomos e estamos sendo colonizados na nossa terra. Os benefícios, o aumento da riqueza nacional processado nestes longos anos da ditadura foi feito deliberadamente para não atingir todas as camadas da população. As estradas, as pontes e as baragens foram construídas não para conseguir um aumento do nível de vida de toda a população portuguesa mas tão somente para concentrar o poderio económico nas mãos de alguns. A energia eléctrica ou a água para irrigação não serviam nem servem para melhoria do nível de vida do humilde trabalhador do campo, pois o preço de tais benefícios está fora do seu alcance mas, pelo contrário, por vezes, o prejudicam pela des-

trução dos seus poucos meios de defesa. Só os tribunais e as prisões é que se destinam, de fato, a toda a população. Uma discriminação friamente processada dividiu o nosso povo definindo os campos de ação dos pobres e dos ricos, ressaltando o direito natural destes e a obrigação moral daqueles. Daí a necessidade de manter a população rural no obscurantismo e na ignorância, propícios à aceitação da sua triste condição e daí também os protestos dos colonos de Angola à chegada dos nossos emigrantes cuja miséria, ignorância e falta de higiene os igualava aos nativos.

Como admitir que na nossa África o negro se encontre em melhores condições? Pelo contrário, o confinamento das condições de sobrevivência à raça negra cria um clima propício ao nascimento do nacionalismo africano e ao repúdio total de nossa presença.

Se no plano jurídico a ditadura consegue fugir à ação da O.N.U.,

transformando por passe de mágica, as colónias em províncias ultramarinas, no plano moral ela está sendo condenada. De nada lhe serve o argumento soavado do comunismo, pois Nações como o Congo Francês, que não pode ser considerada de feição comunista, se levantam contra nós e, para nossa



vergonha, nem uma só voz se ergue na O.N.U. a nosso favor.

Obrigado a defender-se, o governante da ditadura desvirtua a ques-

tão, clamando que se trata de uma mudança de soberania e que outras nações, como a Rússia, estão querendo tomar conta das nossas colónias, tornando-se imperiosa a união de todos os portugueses. Diante da bandeira da Pátria deverão baixar-se as bandeiras partidárias, diz o "Diário de Lisboa". Sou a hora de Nun'Alvares, diz o mesmo jornal. O governo vai ao ponto de comemorar oficialmente o aniversário da República e deixar que se elogiem os que nela tiveram parte, tudo para incutir no povo português o sentimento do dever para com a Pátria. É necessário repudiar firmemente a mistificação e fazer conhecer aos jovens portugueses a verdade que se esconde detrás das frases retumbantes. Se a situação chegou a este ponto deve-se única e exclusivamente à ditadura que nos oprime. Modificar a situação nas nossas colónias é modificá-la na metrópole e a ditadura bem sabe que isso seria o seu fim.

A sua atual atitude intransigente só serve aos seus interesses egoístas e se nela perseverar nada mais nos resta que guerra, tortura e repressão. Esperemos que antes disso termine o regime de opróbrio e que rancores e ódios acumulados na África não nos impeçam de aplicar o generoso projeto da Comunidade de Estados Portugueses proposto por Jorge de Sena.



# Cinquentenár o da República Portuguesa

EDUARDO ORTEGA Y GASSET

Não é apenas curioso, mas de grande sentido histórico, o fenómeno que assinala o escritor Oliveira Martins do paralelismo histórico, com ritmos não distantes e estreitas analogias nos acontecimentos dos povos português e espanhol, não obstante haverem vivido, embora vizinhos, de costas um para o outro. A identidade é medular apesar da dispersão dos olhares. Hoje, os democratas das duas nações, estamos unidos contra os verdugos que nos oprimem. Será árdua a sentença que, historicamente, dirá qual foi mais funesto, se o de Lisboa ou o de El Pardo. Na guerra civil, Salazar fez tanto, se bem com menos repercussão, em prol do franquismo que os alemães e os italianos. Hoje, CINCO DE OUTUBRO, celebrem com os irmãos portugueses, a proclamação da sua República. Recordo aqueles tempos de jubilo. Fazendo a minha primeira reportagem, presenciei a definitiva derrota dos monárquicos, comandados pelo capitão Paiva Couceiro, nas montanhas de Tuy, junto à raia fronteiriça. Em seguida, os deputados republicanos espanhóis foram recebidos com enorme entusiasmo pelos lisboetas.

Não demorou a encrespasse a áspera, troglodítica reação ibérica, como não existe outra em parte alguma do Planeta, para sorte do Planeta. Hoje, Salazar e Franco, têm embalsamadas as duas repúblicas do limite ibérico, e seus povos escravizados em cadeias fascistas.

As ditaduras americanas, orientadas e criminosas, não chegam, contudo, a paralisar integralmente os aspectos da vida e ainda os da consciência, a Cultura, a Religião, o Ensino, a Imprensa. Mas nas líricas não existe a menor oportunidade para raciocinar. Isso explica que, povos que deram tantas provas de audácia e virilidade, permaneçam oprimidos pelo "solamento em que se choca a ignorância e a desorientação. O cultivo dessa ignorância é a táctica do regime franquista e salazarista. Salazar disse que é perigoso ensinar a ler. E assim os nossos povos só conhecem a mentira, que a estes verdugos interessa.

Por outro lado, a política internacional, atraído por os seus "slogans" democráticos, apóia esses tiranos. Em Espanha, são os estadunidenses quem pactuam com Franco para instalar bases militares e as suas grandes empresas, poderosas aspiradoras de proveitos;

em Portugal, desde alguns séculos, a perfídia inglesa intervém para debilitar com a separação os dois grandes povos peninsulares. Hoje devemos gritar: ESPANHÁ SIM, IANQUES, NÃO! e também: PORTUGAL SIM, INGLESES, NÃO!

Tanto mais que, agora, se desenvolve um gigantesco torvelinho de perigosas intrigas, em torno da política, digna de orates, da guerra atômica. A ninguém se oculta o absurdo de ameaçar-se com bombas, que são tão mortais para quem as recebe como para quem as lança. O ininteligente empenho do Pentágono e o negócio dos que comem os QUARENTA E UM MIL MILHÕES do Orçamento dos Estados Unidos, tornou mais aguda, a tensão bélica. Passados os tempos do monopólio atômico, disparou-se a continuação da corrida de armamentos. A pugna oferece um espetáculo de loucura. Como fazer uma guerra, que já o não é no seu sentido histórico, e que, longe de possibilitar o domínio de uma nação sobre outra, provocará a destruição da vida orgânica da Terra? A cegueira do ódio, poderá levar a tanto? Calcula-se que existem mil e quinhentos milhões de espécies distintas que a Mãe Terra criou numa paciente evolução de, pelo menos, de dois mil milhões de anos. Poderá Eisenhower com a sua torpe política aniquilar numas horas essa lenta e milagrosa fecundidade? Porque, a vida, é um milagre ainda não explicado. O salto do mineral inerte à vida orgânica é o prodígio ainda não visturado pelos sábios.

Os espanhóis livres e os portugueses livres, devemos nos juntar ao bloco das nações neutras para frear o insensato caminho da guerra sem amanhã. FREM-OS AO BLOCO DOS VERDUGOS A NOBRE ALIANÇA DOS POVOS.

A guerra é já impossível. E, quando esta verdade, que mantém oculta os colonialistas, seja universalmente reconhecida, as nações serão completamente soberanas. Transpassará pelo espinhaco da Terra uma sensação de segurança. Só têm os povos três problemas iniciais: desmontar as bombas atômicas, para que não prejudiquem nem ameacem ninguém; enforçar os verdugos e, quanto aos governantes que jogaram com a guerra nuclear, erguer os manicômios em que devem ser curados.

Caracas, 5 de Outubro de 1960.

## CRONICA INTERNACIONAL

# KENNEDY; ESPERANÇA E ADVERTENCIA

PAULO DE CASTRO

A vitória de Kennedy representa um segundo "New Deal", ou seja uma reorientação geral num sentido democrata, da política dos Estados Unidos, de forma a situá-la, tanto quanto possível, dentro da tradição rooseveltiana. Durante a campanha, Kennedy, assistido por homens de valor internacional como Rostow, Gibralth e Chester Bowles, e indiretamente pelo maior teórico americano da política exterior, George Kennan, definiu alguns dos pontos fundamentais da sua plataforma de governo, entre os quais a defesa da independên-

cia dos povos coloniais, apóio à Argélia e a luta contra as ditaduras. Kennan, politicamente um liberal, criticou violentamente a situação de Foster Dulles, política que, ao apoiar-se e ao apoiar os tiranos da América Latina, da Península Ibérica e também de alguns países da Ásia, mais não fez do que desprestigar os americanos. A funesta política de John Foster Dulles, funesta em primeiro lugar para os Estados Unidos, refletiu-se por sua vez na derrota de Richard Nixon, sendo este aspecto das eleições americanas o que im-

porta ressaltar. Foi por apresentar um novo esquema de valores mais dentro da tradição americana, que John Kennedy venceu; e por simbolizar esses valores, que hoje a América Latina, bem como os democratas portugueses e espanhóis, olham para os Estados Unidos novamente com alguma esperança. As suas teses contra as ditaduras são claras. Esperamos que, por Salazar fazer parte da OTAN, onde entrou mais para proteger-se contra a revolta interna do que para defesa do mundo ocidental, Kennedy não hesite em formular uma nova política sem compromissos de qualquer ordem com o ditador. Também os Estados Unidos contam na Bélgica com um aliado, mas isso não impediu o governo de Washington de se mostrar favorável à independência do Congo. Os Estados Unidos eram aliados da França e Inglaterra, sem que isso os levasse a concordar com a agressão ao Egito, em 1956. E continuam aliados da França, mesmo não votando a seu favor na ONU sobre a Argélia. Trata-se, mau grado os seus erros, de países democráticos; que dizer, então, do apóio a um ditador decadente, que usa métodos de terror condenados pela Igreja? Não será isto importante para o católico John Kennedy?

Se Kennedy quiser saber o que se passa em Portugal, não será por meio de relatórios do embaixador dos republicanos em Lisboa, mas de um novo embaixador democrata. E também como católico, informando-se junto de sacerdotes como o Bispo do Porto ou o padre Perestrelo. Saberá que um povo, amigo tradicionalmente dos Estados Unidos, está hoje psicologicamente em dificuldades, pois dos Estados Unidos só tem vindo apóio ao ditador, chegando mesmo o presidente Eisenhower, na visita feita

# Portugal: maior potência colonialista do mundo

NOVA DELHI, novembro, 23 (France Presse) — Portugal é, sem dúvida alguma, a maior potência colonialista do mundo, declarou o primeiro ministro indiano, Jawaharlal Nehru, num discurso sobre política internacional. "Portugal pretende que suas colônias são províncias de ultramar, mas na realidade são colônias que vivem nas trevas", acrescentou Nehru.

O primeiro ministro indiano declarou que seu país não está aliado a nenhum dos dois grandes blocos militares, inclusive "não acolhi favoravelmente a idéia de um bloco neutralista, porque sou hostil à própria idéia de "blocos".

"Com efeito, — acrescentou o líder asiático — é impensável que qualquer poderoso grupo armado imponha sua vontade ao resto do mundo, cujos problemas não podem ser resolvidos com soluções militares".

Isto levou o primeiro ministro a ressaltar a necessidade de desarmamento. Finalmente, Nehru referiu-se ao problema do Congo e afirmou que, na sua opinião, o coronel Mobutu não se apóia, em nenhum texto constitucional. "A única solução é reunir o parlamento. Se se deixar que os congolenses se ocupem de seus próprios assuntos, o mais provável é que cheguem a resolver as divergências que há entre eles".

(In: "A Gazeta", São Paulo, 23-11-60)

a Portugal, a recomendar uma frente mais vigorosa contra o "comunismo". Em Portugal não é indispensável falar em frentes vigorosas contra o comunismo, pois é o mesmo que pedir uma multiplicação dos assassínios nas prisões. E, sejamos claros, quando se fala em comunismo em Portugal, fala-se em todos os que se opõem a Salazar — pois esta é a interpretação da Polícia, do governo e em primeiro lugar do ditador que, em nome da cruzada anti-marxista, prendeu homens tão civiltamente anti-marxistas como o presidente eleito dos Estados Unidos, John Kennedy. Se Kennedy fosse português, estaria na prisão ou no exílio, ou permanentemente correndo o perigo de ver a sua casa assaltada, sua carreira sacrificada, suas cartas violadas, seus filhos convidados à delação e, depois, num lugar certo e reservado em qualquer campo de concentração de Peniche, de São João Batista (Açores), ou de Bié (Angola).

É necessário que John Kennedy saiba que a classe média está sendo destruída pela política econômica e a política propriamente dita do fascismo; que a eliminação das elites democráticas, realizada a frio por Salazar, representa um perigo de extremismo futuro bem maior do que todos os "perigos comunistas" hoje invocados pelo mistificador do Palácio de S. Bento, para obter o apóio americano à sua ditadura infame. É necessário que os americanos se libertem de fantasmas, e saibam que em Portugal ninguém pensa em fazer comunismo, ninguém pensa em libertar-se de um ditador para fazer ou tolerar outras ditaduras; mas apenas, legitimamente, a viver com dignidade democrática, tal como deseja o povo dos Estados Unidos. Devido a uma concepção falsa do "status quo", tantas vezes criticado por George Kennan, os americanos, levados por um, até hoje irremediável, e de todas as maneiras injustificável, pânico, ante o futuro, imaginam que todos os povos que se libertam o fazem para ofender os Estados Unidos ou passar a integrar-se em outro bloco. Há nesta concepção um certo desprezo dirigido pelos povos que, como no caso de Portugal, tiveram os seus "foros" e Cortes quando os Estados Unidos ainda não existiam e desejam recobrar as liberdades, nem para agradecer nem para desagradar aos americanos, mas porque isso faz parte da sua razão de viver no plano individual e no plano histórico.

Por Salazar, educado na escola de Maurras, um católico é automaticamente um fascista ou, pelo menos, um reacionário obrigado a defender todas as atrocidades que se praticam em Portugal. E neste sentido que val trabalhar a diplomacia de Salazar, para tentar, pelo menos, atenuar o catolicismo liberal de Kennedy, como agiu junto do Vaticano para afastar de Portugal o Bispo do Porto. Disto prevenimos desde já o presidente eleito dos Estados Unidos, para não ser surpreendido pela voz mefistofórica dos agentes do ditador, disfarçados clinicamente em contestáveis da civilização cristã.

O povo português não espera milagres da nova situação democrata, e sabe que os erros levam algum tempo a ser corrigidos; mas espera, desde já, que Kennedy não seja cúmplice de um ditador terrorista, do aniquilamento da classe média, do regresso à miséria e ao desespero da classe operária e dos camponeses, da repressão brutal realizada nas colônias, onde a tortura e os fuzilamentos são os únicos aspectos "jurídicos" válidos; onde prisioneiros são silenciosamente iliquidados para evitar julgamentos e as denúncias dos povos afro-asiáticos na ONU.

O novo presidente dos Estados Unidos tem de saber, de uma forma categórica que o seu mandato coincide com a última possibilidade de Portugal regressar à democracia em termos de equilíbrio da sua política interna e internacional.

O que se passa na alma do povo português é grave, e disse o Sr. Allen Dulles talvez não tenha informações suficientes, como não as tinha sobre Cuba. Com todo o respeito que nos merece a revolução cubana, desejamos outros métodos, mas se pudermos. E só poderemos se os Estados Unidos não continuarem a ser durante a época de Kennedy o mesmo que foram durante Perestrelo. Saberá que um povo, amigo tradicionalmente dos Estados Unidos, está hoje psicologicamente em dificuldades, pois dos Estados Unidos só tem vindo apóio ao ditador, chegando mesmo o presidente Eisenhower, na visita feita

Portugal, a recomendar uma frente mais vigorosa contra o "comunismo". Em Portugal não é indispensável falar em frentes vigorosas contra o comunismo, pois é o mesmo que pedir uma multiplicação dos assassínios nas prisões. E, sejamos claros, quando se fala em comunismo em Portugal, fala-se em todos os que se opõem a Salazar — pois esta é a interpretação da Polícia, do governo e em primeiro lugar do ditador que, em nome da cruzada anti-marxista, prendeu homens tão civiltamente anti-marxistas como o presidente eleito dos Estados Unidos, John Kennedy. Se Kennedy fosse português, estaria na prisão ou no exílio, ou permanentemente correndo o perigo de ver a sua casa assaltada, sua carreira sacrificada, suas cartas violadas, seus filhos convidados à delação e, depois, num lugar certo e reservado em qualquer campo de concentração de Peniche, de São João Batista (Açores), ou de Bié (Angola).

É necessário que John Kennedy saiba que a classe média está sendo destruída pela política econômica e a política propriamente dita do fascismo; que a eliminação das elites democráticas, realizada a frio por Salazar, representa um perigo de extremismo futuro bem maior do que todos os "perigos comunistas" hoje invocados pelo mistificador do Palácio de S. Bento, para obter o apóio americano à sua ditadura infame. É necessário que os americanos se libertem de fantasmas, e saibam que em Portugal ninguém pensa em fazer comunismo, ninguém pensa em libertar-se de um ditador para fazer ou tolerar outras ditaduras; mas apenas, legitimamente, a viver com dignidade democrática, tal como deseja o povo dos Estados Unidos. Devido a uma concepção falsa do "status quo", tantas vezes criticado por George Kennan, os americanos, levados por um, até hoje irremediável, e de todas as maneiras injustificável, pânico, ante o futuro, imaginam que todos os povos que se libertam o fazem para ofender os Estados Unidos ou passar a integrar-se em outro bloco. Há nesta concepção um certo desprezo dirigido pelos povos que, como no caso de Portugal, tiveram os seus "foros" e Cortes quando os Estados Unidos ainda não existiam e desejam recobrar as liberdades, nem para agradecer nem para desagradar aos americanos, mas porque isso faz parte da sua razão de viver no plano individual e no plano histórico.

Por Salazar, educado na escola de Maurras, um católico é automaticamente um fascista ou, pelo menos, um reacionário obrigado a defender todas as atrocidades que se praticam em Portugal. E neste sentido que val trabalhar a diplomacia de Salazar, para tentar, pelo menos, atenuar o catolicismo liberal de Kennedy, como agiu junto do Vaticano para afastar de Portugal o Bispo do Porto. Disto prevenimos desde já o presidente eleito dos Estados Unidos, para não ser surpreendido pela voz mefistofórica dos agentes do ditador, disfarçados clinicamente em contestáveis da civilização cristã.

O futuro de Angola está a ser jogado e será decidido em tempo muito breve (um, dois anos, quem poderá prever?).

O que virá a ser Angola vai ser decidido por várias forças que se vão chocar (forças internacionais, africanas, nacionais e angolanas).

Por enquanto, talvez ainda seja possível que as populações de origem europeia de Angola possam vir a desempenhar um importante papel na definição do rumo dos futuros acontecimentos. Mas para isso será necessário agir imediatamente. E altura de se falar claro e de se falar claro de milhões de pessoas e dos seus haveres corre perigo iminente se a atual política colonialista de Salazar não for imediatamente modificada.

É já um pouco tarde. Muitos sacrifícios haverá a fazer. Mas mais vale fazê-los agora de que arrastar a maiores sofrimentos tanta gente, homens, mulheres e crianças, que em Angola nasceram, que não conhecem outra Pátria, e onde procuram ganhar honestamente o pão de cada dia.

Nada há neste mundo que justifique um conflito armado em Angola a não ser a necessidade das grandes Companhias e Bancos acobertados por um governo de traidores à Pátria reservarem ainda por um tempo os seus fabulosos interesses, nem que seja à custa do morticínio de milhares de vidas humanas inocentes.

O MITO DAS PROVINCIAS ULTRAMARINAS

É necessário que todos os angolanos compreendam o que se está a passar com as colônias portuguesas, que se comprometem bem para onde estão a ser levados pela carilha de bem-falantes e bem instalados na vida, senhores de Salazar (é fácil, é muito fácil e agradável fazer "patrióticos" e "infla-

# A ONU PEDE A LISBOA INFORMAÇÕES SOBRE SEUS TERRITÓRIOS DE ULTRAMAR

NOVA TORQUE, Novembro, 12 — A Comissão de Tutela da Assembléia Geral das Nações Unidas aprovou hoje uma resolução, pedindo a Portugal que forneça informações, o mais brevemente possível, sobre seus territórios de ultramar.

A resolução foi aprovada por 45 votos contra 6 e 24 abstenções. Votaram contra o Brasil, Portugal, Espanha, África do Sul, França e Bélgica e absteram-se o bloco soviético, os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, alguns países asiáticos da "Commonwealth" e alguns da América Latina e da Europa Ocidental. A resolução foi proposta por Ghana, Afeganistão, Birmania, Ceilão, Guiné, Índia, Iraque, Libéria, Líbia, Nepal, Nigéria e Senegal. Os 45 votos a favor são mais do que suficientes para garantir a ratificação pela Assembléia Geral.

A Carta da ONU estabelece que países com territórios sob governação própria têm obrigação de fornecer regularmente informações sobre as condições econômicas, sociais e educacionais nos mesmos, "sujeitas a limitações que as considerações possam requerer". Portugal alega que não possui "territórios sob governação própria", mas apenas "províncias de ultramar" e que, portanto, não é obrigado a fornecer informações.

A resolução cita nove territórios portugueses e pede a Portugal que envie as informações ao secretário-

geral Hammarskjöld. Os territórios relacionados são: arquipélago de Cabo Verde; Guiné Portuguesa; São Tomé, Ilha do Príncipe e dependências; São João Batista da Ajuda, Angola e Cabinda, Moçambique, Goa e dependências, Macau e dependências, e Timor e dependências. A resolução menciona princípios sobre a questão, que a Comissão de Tutela aprovou, os quais estabelecem que "há uma obrigação de transmitir informações a respeito de todo território que for geograficamente separado e distinto étnica ou culturalmente, do país que o administra", o que o deixa numa "posição ou status" de subjugação". Esses princípios foram redigidos por uma comissão especial formada pela Grã-Bretanha, Índia, México, Marrocos, Holanda e Estados Unidos.

NOTA DA REDAÇÃO — Julgamos desnecessário qualquer comentário à notícia que transcrevemos de "O Estado de S. Paulo" de 13-11-60, pois é bem contrastante a atitude dos dois irmãos colégios fascistas, Franco e Salazar, embora a pose "patrioteira" que não deixam de tomar, por hábito e necessidade em esconderem intenções nada confessáveis. Um já se curva, ao pedido de informes sobre os territórios coloniais que exploram, e cujas condições degradantes se apli-

cam também nas metrópoles onde residem. O outro... O outro, com o cinismo jesuítico em que é mestre, traidor aos interesses sagrados da Pátria como o outro de sobrenome Vasconcelos que foi justificado num armário, continha provocando, denegando e amesquinhando, "clow" armando a domador de feras bem resguardado até dos olhares indiferentes das mesmas.

# NATAL DOS PRESOS POLITICOS

O sentido profundamente humano e fraternal dos festejos natalícios e de confraternização universal pelo dia do Ano Novo, faz sempre reavivar nos pensamentos e nos corações dos portugueses a tragédia dos seus irmãos presos, a maior parte, sem culpa formada nem julgamento, por motivos políticos. Em massoras que já se negam aos presos de delito comum,

## DEPOIMENTO

Na sessão ordinária da Câmara dos Vereadores, realizada em 7 do último mês, a propósito da Moção do Sr. Agenor Mónico e mais 39 assinaturas, manifestando irrestrita solidariedade da Câmara Municipal de S. Paulo ao escritor Mário Graçioti, pelo estranho facto de haver sido preterido no "Prémio Internacional Camões", instituído pelo S.N.I., moção essa que foi aprovada, da intervenção do Sr. Monteiro de Carvalho transcrevemos o seguinte trecho:

"Dizem-me os portugueses que de já vêm, alguns que a princípio foram admiradores de Salazar, que já nem o recito sagrado do lar é respeitado; o português não pode pensar alto, não pode sequer falar no recesso de seu lar, com toda a liberdade. A espionagem se faz por todos os meios imagináveis. Através da perseguição e da violência, que é a política constante dos regimes de força, Salazar eter-

JANIO QUADROS  
PRESIDENTE ELEITO  
SÃO PAULO

Felicitando Vossa Excelência por sua vitória manifestamos esperança, condenação de desajuste Brasil face colonialismo português stop Povo Angola espera solidariedade povo governo brasileiro sua luta independência nacional.

Por MPLA  
MÁRIO DE ANDRADE, Presidente

em celas escondidas e sem paragem conhecido, homens e mulheres sofrem abomináveis e pavorosos recrudescimentos, castigos sádicos, enlameadores Isolamentos.

Para todos eles val a nossa solidariedade. Uma solidariedade que não pode ser platônica, mas diretamente participante. Para que se possa demonstrar de forma direta, PORTUGAL DEMO

COM. João Sarmento Pimentel	1.000,00
Eng. Carlos Cruz	1.000,00
Marinho Junior	1.000,00
Silvério da Costa Letra	1.000,00
Joaquim Duarte Batista	1.000,00
Manuel Ferreira Moura	1.000,00
R. Gonçalves	500,00
Antonio B. Fonseca	300,00
Expensionista do Forte de Caxias	1.000,00
Humberto	300,00
Augusto S. Abranches	200,00
Francisco Pimentel	500,00
Democrata Ilhavoense	200,00
Henrique Santo	500,00
Carlos Assunção Neves	500,00
Anónimo	200,00
D. Maria Archer	100,00
Pedro Rocha	500,00
José Portela	200,00
João Alves das Neves	300,00
José Alexandre	500,00
Lenine Alexandre	500,00
Um azevedense	1.000,00
Um camiliano	500,00
Eng. Rica Gonçalves	1.000,00
Cesário Gonçalo	200,00
A transportar	18.000,00

# FUTURO DA POPULAÇÃO DE ORIGEM EUROPEIA NA ÁFRICA PORTUGUESA

MANUEL DORES

está traçado e eles seguirão-o custe o que custar, e não pode haver dúvidas de que conseguirão os seus objetivos.

A ATITUDE JUSTA E REALISTA

Mas se os angolanos de origem europeia se dispuserem a pôr de lado preconceitos obsoletos, e se decidirem a lutar ao lado deles e não contra eles, então nem tudo estará perdido. É possível que depois de vencida a tormenta se possa finalmente vir a falar na existência de um estado multi-racial. Isso depende da atitude dessa minoria. Implica para eles grandes sacrifícios de ordem moral, material e ideológica. Terão de varrer da mente todos os preconceitos de cor e esquecer completamente todas as medidas de discriminação racial que agora existem como tomos de livros que não sabem ler. Terão de se resignar a vir a ganhar muito menos e a trabalhar muito mais do que agora. Angola não tem riqueza social suficiente para todos. Tem de acumular rapidamente, através de um esforço muito grande de seus filhos irmanados no mesmo objetivo: fazer de Angola um país livre e próspero, ocupando um lugar respeitado entre as nações. Este terá de ser o programa da minoria branca angolana. Como é sabido, os negros de Angola não têm nesta altura quadros, funcionários, técnicos, gente apta a resolver os problemas que se põem a uma jovem nação. Eles precisam de criar os seus próprios quadros e criá-los. Mas se os brancos se dispuserem a prestar-lhes agora a ajuda necessária, adquirirão aos olhos de todo o mundo o direito de se manterem em Angola indefinidamente.

20 MILHÕES DE PORTUGUESES?

Virão a ser uma minoria, é certo. Mas isso terão de aceitar sem

pestejar. Essa é a situação das minorias que vivem em muitos países. Sabemos que isso será para eles uma situação extremamente dolorosa. Mas não há nenhuma outra hipótese realista. Hipóteses jurídicas, dignas de monges da Idade Média, essas existem: todos os dias as lemos nos jornais, as vemos divulgadas pomposamente pelos arautos do salazarismo. Mas não nos enganemos por mais tempo a nós próprios. Onde está a unidade de todos os portugueses? Que sentido faz dizer que somos 20 milhões de portugueses? Alguma credibilidade que a maioria desse povo angolano que vive nas senzalas em condições quase animais, desprovido de tudo e até tendo de pagar imposto para fazer batuque, se pode sentir português? Alguma de boa fé acredita que ele tem as mesmas oportunidades que os brancos de Angola ou da Metrópole? Ou que têm os mesmos direitos, quando as mulheres são obrigadas a trabalhar na estrada, sem remuneração, como os filhos pendurados às costas?

O momento é de extrema gravidade. Acabe-se de uma vez por toda com essa mentira colossais.

OS DONOS DE ANGOLA

Deixem os brancos de Angola de serem os campeões da Companhia dos Diamantes, do Caminho de Ferro de Benguela, da SONEFE, da Companhia do Aguar, da Cassequel, das Companhias do Algodão, das Companhias Mineiras, da CUP, da CUCA, das Companhias de Cimento, das Companhias de Navegação, da Companhia de Celulose, do Banco de Angola, das Companhias Petrolíferas e outras; deixem de fazer o frete a essa gente, morrendo e sacrificando-se enquanto eles dançam e jogam no Estoril, em Londres ou em Bruxelas. Pensem no ruro, mas pensem

em fazer o frete a essa gente, morrendo e sacrificando-se enquanto eles dançam e jogam no Estoril, em Londres ou em Bruxelas. Pensem no ruro, mas pensem

em fazer o frete a essa gente, morrendo e sacrificando-se enquanto eles dançam e jogam no Estoril, em Londres ou em Bruxelas. Pensem no ruro, mas pensem

em fazer o frete a essa gente, morrendo e sacrificando-se enquanto eles dançam e jogam no Estoril, em Londres ou em Bruxelas. Pensem no ruro, mas pensem

em fazer o frete a essa gente, morrendo e sacrificando-se enquanto eles dançam e jogam no Estoril, em Londres ou em Bruxelas. Pensem no ruro, mas pensem



## Do discurso do PRESIDENTE NKURUMAH, DE GHANA, na Assembleia Geral das Nações Unidas, em 23 de Setembro de 1960

"Portugal, membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte, proclamou, pelas suas leis metropolitanas, que os territórios que colonizou em África são parte integrante de Portugal. Eu sempre tenho afirmado que a África não é e nunca poderá ser uma extensão da Europa, e este arranjo português repugna a qualquer conceito de liberdade africana.

O tratado da NATO estipulou no seu preâmbulo que os estados membros "se comprometem a salvaguardar a liberdade, a herança comum e civilização dos seus povos fundadas nos princípios de democracia, liberdade individual e respeito à lei".

Peço a todos os membros da NATO que são membros das Nações Unidas que indiquem, quando falarem neste debate, uma única circunstância em que Portugal tenha observado os princípios da NATO no que respeita às suas colónias de África. Na África Portuguesa existe o trabalho forçado que se assemelha à escravatura, toda a liberdade política é negada, e, embora isto seja difícil de acreditar, a condição do homem comum africano é ainda pior do que na África do Sul. Se a situação nos territórios portugueses se não tornou ainda como na África do Sul, um perigo para a paz mundial, é somente porque não teve ainda lugar a inevitável explosão.

No que respeita a Portugal, a minha opinião é que os membros da NATO que são também membros da ONU têm particulares responsabilidades. Eles podem fazer pressão sobre Portugal para que dê a mesma independência às suas colónias de África, que essas potências da NATO garantiram às suas antigas possessões coloniais.

Como já disse noutra altura, o vento que sacode a África não é um vento normal. É um tremendo furacão, e é impossível a Portugal, ou da mesma forma a qualquer outra potência colonial, evitar que o tremendo furacão do nacionalismo africano atravessasse as oprimidas e espezinhadas colónias".

## SALAZAR E A IGREJA

Encerrando o programa de divulgação político-social realizado durante o corrente ano pelo Centro Republicano Português, e no qual participaram o Dr. Jorge de Sena, a escritora D. Maria Archer, o Dr. Henrique Santo, o jornalista Pedro Rocha e Augusto dos Santos Abranches, como PORTUGAL DEMOCRÁTICO noticiou, realizou no passado dia 28 o Dr. Rodrigo de Abreu uma conferência sobre o sugestivo tema "Salazar e a Igreja".

Após saudar brasileiros e portugueses, não esquecendo aqueles que andam enganados "com as mentiras espalhadas pela propaganda de Salazar, paga com o dinheiro espoliado ao Povo Português e retirado das Caixas de Previdência e do Fundo de Desemprego", expôs a sua condição religiosa de católico, para, em face da situação que oprime Portugal, defender a necessidade de "de conjugar esforços comuns para abrir o caminho a uma situação que de facto a todos nos coloca ao abrigo de arbitrariedades e de injustiças".

Poderíamos talvez considerar como pontos centrais do trabalho do ilustre conferencista: a) "Os principais factos históricos do povo português estão ligados à igreja"; b) "Salazar, desacreditado externa e internamente, depois de ter sofismado as últimas eleições presidenciais, tenta calar com violência, sangue e morte, o protesto dos nossos irmãos africanos. Faz discursos para enganar insinuando infiltração comunista, na Metrópole e no Ultramar. Cria focos de revolta, onde não existem, e procura gerar uma guerra colonial, ou até univer-

sal, para se manter no poder, transforma os civis em soldados e arma-os, para matar civis..."; c) "Salazar é na verdade o continuador da obra de João Franco, interrompida em 1908; mas como é mais inteligente e engenhoso tem conseguido enganar os monárquicos, os republicanos e a Igreja Católica. Para isso compilou uma coletânea de citações jurídicas e teológicas"; d) "Salazar procura servir-se da religião, para criar uma que a consciência determina o ser e não o ser determina a consciência. Perdido o livre arbítrio, desenvolvido com a PIDE o instinto do co, fácil é desenvolver o poder de medo, desaparecido o espírito crítico-inibição e que a vontade só tenha um aspecto negativo".

"Neste jogo de interesses humanos — afirmou o conferencista, elemento representativo dos setores progressistas católicos portugueses — verificamos a coincidência do Sub-Secretário da Educação Nacional e do Ministro das Corporações, estarem ligados não só ao grupo mais reacionário do C.A.D.C., como também terem relações com elementos financeiros ligados à Mabor, a companhias de navegação e a outros trusts".

Das palavras finais, destacamos este pequeno trecho de autoria de D. António, Bispo do Porto, como todos os nossos leitores sabem se Salazar de regressar à sua diocese, encontra no exílio e proibido por do qual o Dr. Rodrigo de Abreu foi íntimo colaborador: "Devemos defender os direitos dos pequenos, não por cálculo ou por medo, mas porque são direitos e porque nós somos os guardiões da justiça".

### Serviços de Informação Internacional "PORTUGAL DEMOCRÁTICO"

A todos os nossos representantes, correspondentes e amigos, solicitamos a fineza de dirigirem aos nossos S.I.L., Av. Rio Branco, 185 — G-509 Rio de Janeiro, fone 22-9224, qualquer informação especial ou comunicado de acontecimento da atividade repressiva do fascismo em Portugal, de que tiverem conhecimento, para que seja imediatamente divulgado através da imprensa internacional.

Sendo possível, agradeceríamos imenso também que uma cópia dessa notícia ou comunicado fosse remetida para a redação de PD.

## Noticias de Moçambique

**ATIVIDADES DA P.I.D.E.** — Os preparativos que têm estado a ser feitos pela P.I.D.E., em Moçambique, fornecem a certeza de que a sua atividade e vigilância vão aumentar e, com elas, toda a gama de perseguições e violências.

Não reputando suficientes para os seus sinistros desígnios as dezenas de agentes e centenas de informadores europeus, indianos e negros já existentes, são esperados, até ao fim do corrente ano, mais 104 novos agentes vindos da Metrópole. É difícil prever a quantidade de informadores que poderão vir a ser recrutados entre os negros e "monhés". Continuará a ser uma campanha vergonhosa, mui especialmente entre a massa de negros, pois aqueles que os assassina são os mesmos que agora procuram a sua colaboração para denunciar os brancos.

Como o desenvolvimento da "tenebrosa seita" implica a necessidade de mais amplas instalações, vai a execrável corja ocupar uma vivenda luxuosa, denominada "Vila Algarve", situada no elegante bairro residencial da Polana, em Lourenço Marques. Como para a prática de toda a casta de violências e atrocidades que usam se impõe um recinto isolado e com bom aspecto, este palacete reúne tais condições.

Na cozinha da "Vila Algarve" foi instalado um posto emissor-transmissor de potência média, que ficará em permanente contacto com muitos outros instalados por toda a Colónia e ainda com postos móveis de que a P.I.D.E. já dispõe.

Todas as salas da "Vila Algarve" são atapetadas com ricas carpetes vermelhas, onde os passos se abafam e as atrocidades não ganham eco. Os jardins bem tratados, em prestam ao ambiente uma nota — falsa — de quietude. Tão falsa como certas atitudes dos agentes.

A "Vila Algarve" foi utilizada anteriormente pelo "trust" americano "Mozambique Gulf Oil" e mais recentemente pela Administração do Conselho.

**RESCALDO DAS ATROCIDADES EM MUEDA** — Depois de as forças militares terem morto mais de 100 negros na localidade de Mueda, sita no norte da Colónia, quando estes procuravam maiores benefícios na cultura forçada do algodão, continua aquela área sob rigorosa vigilância. Para lá têm sido destacados aviões da D.E.T.A., que ali ficam à disposição dos administradores e governador do distrito. As tripulações são rendidas mensalmente.

Dada a repercussão que a "matança" teve na imprensa estrangeira, ordenou o Governo Central um inquérito às causas da mesma, em que estão implicados um oficial do exército e o governador do Distrito. Como de costume, tudo ficará em família. Não se sabe ao certo até quando continuarão as passeatas do pessoal administrativo que, dando largas à sua imaginação, sonham agora com uma invasão do norte da colónia, por parte dos negros da Niassalândia.

**MAIS UMA NEGOCIATA DOS PRÓCERES DO "ESTADO NOVO" — VAI NASCER UM NOVO "TRUST"** — Porque a colaboração e "dedicação" ao "Estado Novo" não é paga apenas com os vencimentos chorudos e as situações de privilégio, deu entrada nos Serviços de Agrimensura um pedido de concessão de 20.000 hectares de terreno. O terreno em causa fica situado numa Reserva Indígena, na zona do Maputo, particularmente propícia à cultura do arroz. Tal pedido foi favoravelmente informado sem se atender ao destino a dar à numerosa população indígena que ocupa aquela área. Os signatários dessa petição, são os seguintes:

Eng.º MANUEL AROSO — Deputado por Moçambique à Assembleia Nacional; Diretor da "Sacor", em Moçambique; Diretor da Companhia de Seguros Mundial, de Moçambique; Sócio de Empresas de Criação de Gado, industriais e outras.

Dr. JOSÉ LUIS TEIXEIRA — Diretor da "União Comercial de Moçambique"; Sócio de várias empresas onde seu pai, antigo Governador Geral de Moçambique, Gabriel Teixeira, tem interesses.

Eng.º ALMEIDA TEIXEIRA — Diretor da "SONEFE", em Moçambique; Diretor da Companhia Geral de Seguros Lusitana, em Mo-

çambique; sócio de uma empresa de criação de gado e outras.

Os restantes dois sócios são comerciantes e diretores de Companhias com sede em Moçambique.

É preciso esclarecer que houve muitos outros pedidos de concessão de terrenos, na mesma área, provenientes de famílias modestas e necessitadas que ali desejavam dedicar-se à cultura do arroz. Entre esses encontra-se um, de uma viúva com dois filhos há muito residentes em Moçambique. Todos foram indeferidos com a alegação de que os terrenos pedidos se situavam em Reserva Indígena. Porém, os servidores do "Estado Novo" tiveram o seu pedido bem informado, tendo o mesmo passado pelos Serviços dos Negócios Indígenas de onde seguiu, com informação fa-

vorável, para os Serviços de Agrimensura para conclusão de informação e deferimento. Consta — e deve ser verdade — que os 20.000 hectares pedidos pelo "trust" se destinam a ser divididos em talhões para serem vendidos a quem mais der — talvez mesmo aqueles requerentes cujos pedidos foram oficialmente recusados sob a alegação de estarem situados em Reserva Indígena.

Receosos de que o futuro não seja favorável a manter-lhes a situação de predomínio em que têm vivido, os "respeitáveis" capitalistas procuram, a todo o transe, encher as algibeiras... enquanto é tempo.

É assim a moralidade dos situacionistas.

## TEMAS PARA DEBATE

### A Oposição e o Movimento Popular de Libertação de Angola (M.P.L.A.)

GOMES FERNANDES

Com o título acima, no número de novembro de PORTUGAL DEMOCRÁTICO, pág. 7, encontramos uma Nota da Redação que, em face da acuidade e da importância do problema em foco, nos parece dever ser esclarecida.

Destina-se a citada nota a expressar a sua discordância parcial com a mensagem do MPLA ao povo português publicada no seu número de outubro. O fato de PORTUGAL DEMOCRÁTICO não endossar "in totum" o texto e alegações que ali se expõem livremente — é tanto mais justificado quanto o Jornal havia publicado na íntegra a mensagem do MPLA fazendo, mais uma vez, jus ao título de Órgão da Oposição Democrática Portuguesa no exterior. O que nos preocupa é o teor das discordâncias cujo comentário passaremos a fazer, absolutamente certos de que Portugal Democrático o publicará.

Diz-se na Nota da Redação que "o MPLA confunde lamentavelmente Portugal com Salazar e o seu governo tirânico"; não se juntando provas de tal afirmação, limitar-nos-emos ao texto da mensagem do MPLA. Lá se pode ler o seguinte: "Evocando abusivamente o nome e os interesses do povo de Portugal, os colonialistas portugueses dizimaram, etc." e mais adiante: "O povo angolano e o MPLA não pretendem combater o povo português. Não acreditamos que este povo que, ao longo da sua história e em face de invasores e opressores, deu exemplo de luta por amor à liberdade, queira, no presente, sancionar guerras e massacres", etc. Muitas outras citações se poderiam fazer para demonstrar que não há a "confusão lamentável".

Diz a Nota da Redação que o MPLA "confunde e reconhece naquele governo de ação apocalíptica os plenos poderes de representação nacional, a ponto de com ele querer negociar". Seria evidente para a Oposição que o governo de Salazar não tem poderes de representação nacional não é menos evidente que é esse governo quem representa Portugal em todos os organismos internacionais e está credenciado junto dos governos com quem Portugal mantém relações diplomáticas; é, por ordens emanadas desse governo que soldados, feitos gendarmes, embarcam para as colónias com vistas a responder com uma guerra colonial aos anseios de independência dos povos das colónias portuguesas, é por ordens emanadas desse governo que se cometem os arbitrios que vão, desde a venda dos indígenas das colónias portuguesas, como simples animais de trabalho, até a tortura e à morte no anonimato ao esboçar do mais leve protesto contra a opressão e a escravidão de que são vítimas. Tanto tempo quanto exista ainda o governo de Salazar só resta ao MPLA dirigir-se ao povo português alertando-o contra as manobras que, em seu nome e a suas expensas, os colonialistas portugueses pretendem levar a cabo e, por outro lado, informar o governo de Salazar das condições mínimas para que seja evitada uma guerra colonial cuja saída só poderá ser a independência dos povos das colónias portuguesas.

A Oposição portuguesa sabe, por experiência, que negociar com Salazar é mera perda de tempo, sabe que ele só cede em presença da força, o MPLA não o saberá menos e fala em negociar como alternativa para a "via armada".

Todos nós sabemos que o colonialismo não é uma invenção de Salazar, o colonialismo é um fenómeno histórico, Salazar, por muito que pesem os 34 anos, um mero acidente. O colonialismo sempre teve no fundamental as mesmas características, a diferença de ontem para hoje é haverem desaparecido as razões da sua existência e concomitantemente terem nascido as condições para sua total supressão como forma de convivência entre os povos. Não vemos, pois, porque o MPLA se terá de referir aos atos coloniais da República por mais louváveis que eles tenham sido na época.

Por último abordemos o ponto que se refere às intenções da oposição portuguesa. A este respeito pode ler-se na Nota da Redação que "ninguém, em sã consciência, pode garantir em detalhe o que a República vai fazer logo que torne a ser reimplantada em Portugal". Aceitando como bom o pressuposto de que a queda do Salazarismo precederá a resolução dos problemas das colónias portuguesas, certamente, então, a República reimplantada pode admitir várias hipóteses quanto às questões coloniais, mas a Oposição, desde já, pode ter a certeza de que para o MPLA, que se pretende porta-voz do povo angolano, se ainda for o caso, só haverá duas: "ou o reconhecimento solene e imediato do direito do povo angolano à autodeterminação" ou a "via armada". Esta é a alternativa que o MPLA põe, quer ao governo fascista de Salazar, quer à República portuguesa mais democrática que se possa imaginar.







# Depoimento de um Democrata — Cristão

MANOEL AUGUSTO SOARES DE OLIVEIRA

Pertencço, como não poderia deixar de ser, aos 80% dos portugueses que formam hoje a oposição em Portugal; como é óbvio nesta esmagadora maioria (que forma hoje a verdadeira alma nacional), estão irmanados pelos mesmos anseios, escudados pela República, socialistas liberais, democratas independentes e Democratas Cristãos. Escusado seria dizer que a encabeçar estes grupos, estão os homens mais cultos, idealistas e honrados da Nação. Homens de mérito, e sábios reconhecidos internacionalmente, que Salazar calou, mas não vergou! E' a verdadeira elite da Nação, que o Ditador, à falta de outros adjectivos justificativos, alcunha de agentes de Moscou. Toda a nova geração oposicionista, são discipulos desses Homens, e como tal devemos protestar, por todos os meios ao nosso alcance.

Aqui no Brasil, onde a máquina da propaganda Salazarista gasta uma verdadeira fortuna anualmente, não podemos, nem devemos cariar a luta. É deplorável (e diga-se mesmo digno de dó) a maneira como a propaganda isolou os nossos patriotas, principalmente aqueles que aqui vivem há 25 e 30 anos! Estão completamente desatualizados e em nada evoluíram no despertar político que se operou em Portugal. Do mito Salazarista que a oposição desfez em 1946, nada consciente-

mente sabem. Sabem falar apenas da estabilidade financeira; não lhes disseram a que consequências graves ela nos levou. Não sabem ver, que, para que ela exista, foram sacrificados milhões de portugueses! Não sabem ainda que, para ela existir, se germinou o verdadeiro Câncer do drama Português, no nosso território do ultramar. Não sabem que, para que o Ditador fizesse esse papel de verdadeiro agiota, se comprometeu a integridade Nacional de nossas Províncias ultramarinas... Não se precisa de ser catedrático em economia política, para se chegar a essa conclusão. Façamos uma breve análise: Tomemos Angola como exemplo:

Cumpriu o governo Português, o seu dever colonizador para com Angola? O dinheiro extorquido ao povo (que anulou toda a iniciativa privada desta geração), foi ele canalizado para "incentivar" e criar meios de vida para o nosso Ultramar? — Nos milhares de cartazes que sujam as paredes de Lisboa e digamos todas as cidades e lugares de Portugal com propaganda fascista, já se viu alguma alusão ao emigrante para a África? — Procurou ele, Ditador, dar ao nosso nativo africano, Instrução e educação, dignos dos seres humanos? — E' doloroso, mas forçoso lembrar que o nosso prêto, em África, está praticamente em gráu primitivo, que se diga de passagem, nos envergonha perante o prêto do Brasil.

Os portugueses na metrópole morrem de fome, ou engrossam as colunas do desemprego; e o nosso progresso em África é passo de caranguejo. — Angola é 14 vezes maior que Portugal continental;

sua capital, Luanda (duma província ultramarina mais velha que a a existência do Brasil), tem 70 mil habitantes. — Que contas não temos que dar à Sociedade Universal, desta nossa organização? — Colonizar, não é explorar, é civilizar!

Antes Salazar tivesse empenhado os cofres da Nação, mas tivesse nos assegurado (sem vergonha para nós, no conceito mundial) a integridade do território nacional em África.

Num de seus discursos, o Ditador, — como para se justificar da sua pobreza de iniciativa administrativa disse: — Somos uma Nação pobre! — Puro engano! A geografia económica de Angola desmente-o categoricamente. — Temos desde o ouro aos diamantes, do petróleo ao café, do ferro ao cobre, do algodão ao sisal, do abacaxi à banana.

Temos sim, pobre, é um governo que nos dirige. Abancado contra o frio e calor, no seu Palácio de São Bento, — (guardado à prova eléctrica), aí tem vivido o Ditador, governando 30 anos, sem sequer ter ido conhecer e sentir as aspirações dos que no ultramar lutam por uma causa patriótica — deixando-os à mercê da exploração de quatro ou cinco grupos financeiros, que fizeram de Angola propriedade privada.

Através do nosso PORTUGAL DEMOCRÁTICO, faço um apêlo à colônia portuguesa devidamente esclarecida: — Repudiamos as insinuações salazaristas, de que a oposição portuguesa é de origem moscovita. Desmascaremos ao Mundo a necessidade que Salazar tem de "fabricar comunistas", para se aguentar com o seu regime, perante os norte-americanos. Levemos a Portugal a sagrada democracia! Portugal não tem comunistas, tem, sim, socialistas idealistas apaixonados por um Portugal livre e de justiça social.

Um comunista, no dizer da propaganda anticomunista salazarista, é um materialista, um ateú; os socialistas que conheço em Portugal não são materialistas, na maioria não são ateus, são católicos.

Por um Portugal livre e unido.

# A "União Portuguesa dos Estudantes do Brasil" (UPEB) e o seu órgão "Portugal Estudantil"

A juventude é assim mesmo: muito boa vontade, a natural inexperiência de quem se apressa a fazer o mundo pelas suas mãos, e por vêzes uma ingenuidade cheia de falhas indesculpáveis. A UPEB tem disso tudo, e o primeiro número do seu órgão PORTUGAL ESTUDANTIL, mimeografado, diz-nos quanto ainda na fase de uma aprendizagem muito deficiente se encontra. Embora o sentido da posição imparcial que se deduz, o afirmar na sua "Apresentação" que "não pretente ser libelo contra ninguém, mas sem dúvida, denunciara sempre que puder as causas e os entraves às liberdades e ao progresso de nossos colegas em Portugal e Províncias."

Essa atitude é decorrência natural do art. 8.º dos Estatutos, que estipula o "Manter a tradição de lutas da mocidade portuguesa, na preservação da independência e liberdade da Pátria". A função académica obriga-se no art. 7.º: a "orientar os estudantes portugueses no prosseguimento dos seus estudos". O resto nada mais é que a abertura de campo para estes dois pontos, o que lhe estabelece a obrigatoriedade dum tomada de posição, como a que lhe exige, por exemplo, a consequente das associações estudantis portuguesas, insurgindo-se contra a lei fascista, que as obriga a incluir na direcção das mesmas o representante da PIDE que exerça as funções de professor-polícia-delator nos estabelecimentos de ensino, a que os alunos dessas associações pertencem.

A reacção fascistoide contra este movimento, era de esperar. A primeira tentativa foi a de procurarem desvirtuar a finalidade da UPEB, impedindo-lhe qualquer acção combativa democrática. Falhada essa tentativa, e na impossibilidade mental de estabelecerem um diálogo com os elementos neutros ou anti-salazaristas, os serventuários da "intelligentia" que impõe o atual governo de terror na velha Luzitânia, serviram-se da capacidade em difamar, vilipendiar e enxovalhar que lhes é natural, como a lama nos pântanos — desde que, prevenindo precalços, se acobertassem covardemente no anonimato. Uma imitação odienta do PORTUGAL ESTUDANTIL foi assim preparada, com o nível intelectual e moral dos seus dois mentores, cujos nomes para o caso não interessam por enquanto, provocando uma situação de nojo, vergonhosa, pois nem sequer a língua pátria souberam respeitar.

A distribuição, pelas Faculdades do Rio, dessa "imitação", reproduzindo o retrato dos donos da mesma, apenas serviu para acarretar maiores simpatias para a UPEB e o PORTUGAL ESTUDANTIL, cujas debilidades não pretendemos esconder. E assim, juntando-nos também sinceramente aos jovens da UPEB, a oferta das páginas de PD — sempre abertas a todos e a qualquer que lute pela redignificação e redemocratização de nosso Portugal. E, porque não impulsionar e organizar em São Paulo, em todo o Brasil, núcleos de UPEB? A melhor resposta aos toupeirais difamadores, ainda seria essa. Aqui fica para os estudantes portugueses do Brasil a nossa sugestão, que esperamos ver concretizada dentro em breve.

Canadian Portuguese Democratic Committee

57 Barrymore Road, Scarborough Ontario, Canadá.

Do seu Boletim n.º 1. "O maior obstáculo ao aperfeiçoamento da democracia é a ignorância. Mantenha-se informado sobre os acontecimentos e as ideias dos pensadores democráticos. Leia e dê a ler aos seus amigos o maior numero possível de publicações".

# Noticias de Londres

O Grupo de Portugueses Democratas na Inglaterra tem continuado a reunir-se regularmente, mantendo contactos constantes com democratas de Portugal, Paris e do Brasil. Os democratas portugueses de África também já estão em contacto com o GPDI e alguns dos

seus representantes têm estado em Londres. Entre estes, deve destacar-se Luís de Almeida, que veio a Londres representar o Movimento Popular de Libertação de Angola na "All-African Students Conference", que teve lugar aqui em princípios de outubro.

O jornal semanal "Sunday Times" publicou uma reportagem do seu correspondente em Leopoldville, em que diz que os angolanos emigrados no Congo têm uma forte organização revolucionária neste país e publicam já um jornal quinzenal. Prometem a libertação de Angola dentro de dois anos.

# PORTUGAL PROPAGANDA TURISTICO-POLITICA

I

Não sabemos até que ponto a intensa atividade do SNI, um autêntico ministério de propaganda fascista tão indispensável ao apavorado governo salazarista, terá a ver com os artigos de um tal Alves Pinheiro, nem é nossa intenção envolver um grande diário, moderno e dinâmico, neste caso. Nunca nos interessaram ataques de imprensa ou jogos de verbalismo de objetivos individuais. Mas importa; mas interessa, isso sim, que não se deixem passar sem protesto afirmações de uma pessoa que escreve dizendo que andou por Portugal, de Norte a Sul, Leste a Oeste e não viu ninguém calçado de tamancos. Por onde andam? — indaga ele. E afirma logo de seguida, com a maior falta de pudor que se possa imaginar: Todo o mundo usa bons sapatos e nos campos, na vida real, botinas e botas.

E vai por aí afora o falso elogio; a tal ponto a deturpação do em autêntico Edem, como nem o bíblico. A tal ponto a deturpação do fulano AP chega, que nos fala de Portugal como um dos países mais progressistas do mundo, embora se encontre no meio dos três de mais baixo índice de desenvolvimento, como qualquer um honestamente poderá conferir pelas estatísticas económicas da ONU. AP comete, no entanto, logo a seguir, a besteira de informar, como confirmação, de que em janeiro estará funcionando a sua grande siderurgia — quando qualquer pessoa informada sabe que essa siderurgia é a primeira e não é grande.

Neste campo, até mesmo a Espanha nos leva a palma, embora os ingentes esforços da camarilha de Franco, irmão colação de Salazar, não consigam deslocá-la dos primeiros lugares... a contar do fim da lista em que Portugal se encontra por obra e graça da ditadura lá imperante. A medalha, pois, que o referido Alves Pinheiro (e quejandos) querem vender como ouro de lei aos incautos leitores, nem de latão é e tem um reverso que na segunda parte desta nota comprovamos.

Teotónio Pereira, Ministro da Presidência, esteve em Londres na última semana de outubro e foi recebido por Macmillan e Lord Home, Secretário do "Foreign Office". Embora nada transpirasse destas entrevistas, consta que o ministro português veio novamente implorar o auxílio dos ingleses nas Nações Unidas, agora que se vai tratar do problema colonial. Esta é a segunda vez que Teotónio vem à Inglaterra em missão relacionada com o problema colonial. A primeira vez foi aqui há meses, quando Macmillan pronunciou o seu célebre discurso em que se referiu ao "wind of change". E, nessa altura, quando Teotónio solicitou o apêlo britânico ao colonialismo fascista, sabe-se ao certo que os ingleses lhe abanaram as orelhas e Teotónio teve de regressar corrido. Quais serão os novos elementos que os fascistas de Salazar terão agora em mãos, para solicitarem novamente o auxílio britânico, não obstante o primeiro desaire? Ou terão vindo solicitar alguma espécie de mediação de maneira a não serem completamente esmagados por um voto maciço na ONU?

De Londres, Teotónio seguiu para o Kenia, onde ia a convite (?) do Governador inaugurar uma estátua a Vasco da Gama. Mas, segundo diz o correspondente do considerado jornal "Observer", esta inauguração provocou violentos protestos de todos os partidos políticos africanos, que acusam os portugueses de oprimirem os seus irmãos de raça em Angola, Moçambique e na Guiné.

A BBC de Londres deu um programa curioso destinado a comemorar o 5 de outubro na televisão. Para começar, o comentador Cliff Michelmore disse que ia iniciar o programa com algumas canções sul-americanas, visto não lhe ter sido possível arranjar nada que fosse reitivamente português. E de fato dois cantadores jovens cantaram canções sul-americanas. Em seguida, o comentador disse que ia apresentar um filme sobre Portugal. Mas preveniu o público de que se tratava de um filme de propaganda produzido pela NATO — e que o filme estava cheio de truques. É claro que se viram belas avenidas, grandes vapores da marinha mercante portuguesa (um dos vapores mostrados em ângulo favorável da câmara era um barquinho de carga dos Carregadores Açorianos), pescadores alegres a cantar, balados, etc. Finalmente, aparecia Salazar... a votar! E o comentador terminou assim: Repararam nos truques? Portugal deve ser um país muito mais interessante do que isto. É este o prestígio de que goza nas emissoras estrangeiras o Portugal de Salazar e dos fascistas.

Na Conferência dos Estudantes de Toda a África, que se reuniu em Londres nos princípios de outubro, falou, além do Sr. Luís de Almeida, do MPLA, como representante da Frente Revolucionária, o Dr. João Cabral. Os dois discursos foram muito aplaudidos e apreciados.

Os democratas que desejarem estabelecer contacto com o GPDI, devem dirigir-se a José Maria Sampalo, 374, Grays Inn Road, London, W. C. 1. Tel. TERMINUS 1078.

## LEIA:

"QUANDO OS LOBOS JULGAM"

(A defesa de Aquilino Ribeiro)

"OFÍCIO DE TREVAS"

poemas de CARLOS MARIA DE ARAUJO

"DOCUMENTOS DA 1.ª CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA PRÓ-ANISTIA"

(para os presos e exilados políticos da Espanha e Portugal)

"OS ÚLTIMOS DIAS DO FASCISMO PORTUGUÊS"

de MARIA ARCHER

Pedidos à nossa Redação



# O CANTO DO CISNE

CUNHA DE LEIRADELLA

Leva anos e anos, mas depois de muitos "também o cisne morre". E da sua imponência orgulhosa nada fica, a não ser o eterno lago onde ele nadou sempre indiferente; sempre alheio a tudo que não fosse o reflexo de suas penas sedosas nas águas em que nadava.

Salazar sabe que sua hora está para chegar. Sua luta contra o tempo, seu reacionarismo contra o progresso e a liberdade está hoje mais intensificado que nunca, num esforço prodigioso de sobreviver à sua obra em derrocada. Dentro e fora da metrópole, os órgãos de propaganda dobraram, triplicaram seu trabalho. Jornais, revistas, palestras, entrevistas, mil artimanhas, mas todas tão usadas já, que nenhuma consegue levar de venci- da seu pior inimigo — o descrédito do público.

Mas mesmo sabendo certa a derrocada, certa a derrota, e infrutífero o esforço despendido, Salazar não desanima. A par de jornais que correm mundo impulsionados pelos dinheiros dos cofres públicos, o Secretariado Nacional de Informação começou também mais intensivamente inundando o mercado internacional.

Salazar não poupa energias nem dinheiro na tentativa (louca, sabe-se) de tentar fazer acreditar ao estrangeiro que o seu governo é ainda o que melhor materializa as aspirações do povo português. Que tudo é um mar de rosas na imensa prisão política que é o Portugal de nossos dias. E pelo S N I são exportados (como a sardinha ou a cortiça) os sorrisos e as máscaras de contentamento de seus apaniguados e protegidos.

Nesta quadra, principalmente, os herdeiros de António Ferro trabalham dia e noite. Ouvindo e depois fotografando os sorrisos das Excelências protegidas. E por detrás, como a música de fundo nos filmes policiais; (que intensifica a ação sem a subordinar ao tema) o vulto estático e mudo do Infante de Sagres, obrigado a cobrir com o manto da sua glória de monumento nacional, as cavilações escusas de seus patriotas.

As "Imagens de Portugal" correm mundo. Mas sua finalidade antes parece propaganda de pasta dentífrica (tantos e tão melífluos e tão largos são os sorrisos dos personagens focados) que retrato de bem-estar de um povo espeznhaco por soldados de polícia. A nosso ver o S N I errou a vocação. Porque, embora querendo apresentar aspectos da vida nacional, nada mais faz que servir de anúncio ao comércio de dentífricos. E com o patrocínio do Infante, a coisa vai. Pobre Génio de Sagres! — E pensar a gente que ele se esforçou tanto para encontrar "foras-da-lei" com que povoasse as terras que iam sendo descobertas pelas suas caravelas de Sagres! Que pena Dom Henrique não ter nascido uns séculos mais tarde, e não lhe faltariam homens para povoar ao menos a Ilha do Sal!

É lógico que os camera-men do S N I têm de ganhar a vida. Como os camelôs da Rua Larga, dando à mercadoria excelências que ela não tem. É comércio. Mas, ao menos, podiam dar o nome certo aos bois, e não andarem por aí impingindo gato por lebre aos incautos. Porque "Imagens de Portugal" seria pegar a máquina e calcuá-la os brejos do Minho ou os alcantis das Beiras ou as planuras do Alentejo. E aí sim, aí é que eles poderiam fotografar as verdadeiras imagens de Portugal (sem retoques nem sorrisos de Kolinos); não deslocar-se comodamente num auto chapa branca pelo asfalto de Lisboa, pegando aqui e ali um sorriso e um discurso de alguém que parte para Angola num polpudo cargo, vergado ao peso de condecorações de "bons serviços".

O S N I não nos dá imagens de Portugal. Força-se só para que o incauto fique "imaginando" que Portugal é só aquilo que as câmeras focaram. Suas "Imagens" são somente o que seus próceres acham capaz de exportação. Como toda a dona de casa precavida, o governo português prefere lavar a roupa suja de portas a dentro e mandar para a lavanderia (para que todos admirem) só os ternos de tropical inglês e as camisas de peitinho engomado. O resto amon-

toa-se e apodrece nos armazéns de Peniche e Trafaria.

E hoje maiores e mais convidativos são os sorrisos das "Imagens". Salazar tenta o seu último golpe de publicidade. Com o Infante morto, é fácil fazer dele um patrocinador da propaganda do regime sem que haja o perigo de reclamação por parte do visado. E coberto pelo manto de sua figura gloriosa (espelho lídimo do espírito do verdadeiro português) Salazar ensaia o seu canto de cisne. Porque ele, embora as louvaminhas dos áulicos lhe tivessem embotado as faculdades da memória, sabe que Mathusalém também morreu.

A figura imortal do solitário Infante, uma das maiores da nossa História e também das que mais qualificam o espírito tenaz e progressista do povo português, é (o que fazem as antíteses!) a perfeita contradição do ditador de Portugal. O mar tenebroso, povoado de mitos e maldições, foi navegado mercê da tenacidade do infatigável génio de Sagres. Ora o reacionarismo ditatorial nada mais intenta que fazer da liberdade e do progresso um outro mar tenebroso, cheio de perigos e castigos. Sendo que os dragões e os sorvedouros de antanho foram substituídos (e mais terrivelmente até) pelas celas sombrias das prisões políticas



Durante as comemorações do cinquentenário da proclamação da República, os republicanos homenagearam as memórias de Teófilo Braga, Junqueiro, Herculano e Garrett. No clichê, o prof. M. de Azevedo Gomes depondo um ramo de flores no túmulo de A. Herculano, nos Jerónimos, acompanhado pelos Drs. Acácio Gouveia, Mayer Garção, Mário Soares, Gustavo Soromenho, Joaquim Bastos, Adão e Silva, N. Rodrigues dos Santos, Carlos Pereira, Agostinho Sá Vilela e F. Pereira Santos; e os Srs. J. Pedro Santos, B. Viana Martins, Armando Castanheira e Manuel Cabanas, além de muitos outros.

## Livros e Publicações

● SALAZAR VAI MORRER, por João Rodrigues. Coleção Cidadão do Mundo. Editora Germinál, Rio de Janeiro, s/data. Mais tomada de posição perante o nefasto regime que oprime o povo português, do que uma biografia, como o título da coleção induz, o autor, merecedor dos mais amplos aplausos pela obra e ação que realizou desde os meos mais humildes — que foram a sua origem — até atingir a sua atual posição de educador e professor universitário, apresenta um curioso depoimento. A intenção panfletária, contudo, não chega a ser atingida, pois se perde por demasiado (entre outras limitações) num expressionismo que poderemos considerar como "estilo bíblico", dado que o tema se não desenvolve frontalmente e sem divagações. Apresentação do General Humberto Delgado.

● REPÚBLICA. O diário da tarde de maior circulação em todo o país. N.º 10.692. Lisboa, 4 de Outubro de 1960. Número comemorativo do cinquentenário da implantação do regime republicano em Portugal, de 96 páginas, que é possívelmente o melhor documentário que se poderia organizar e publi-

nacionais, onde as caravelas aportam afim de transportarem em seus porões os infelizes para o deserto do Tarrafal.

Mas isso é coisa de somenos importância para os "kolinizados" sorrisos de exportação. Infelizmente a História Pátria, a História gloriosa do Infante, dos Pachecos e Albuquerque e Camões, há muito vem sendo eliminada da memória do infeliz habitante da Estrêla ou do Gerez, para que ele possa fazer comparações do passado com o presente. A miséria em que vegetam seus filhos, esses filhos a quem ensinam nas escolas (quando há) que o 28 de maio de 1926 é a data mais reverente de todas, desde Viriato a Salazar, deixa-o apático, indiferente a tudo que não seja um prenúncio de chuva lá no horizonte, a esperada chuva que lhe regue a diminuta cultura que ele conseguiu fazer na quebrada da serra. O resto é-lhe proibido. O resto importa só a quem os filhos não pedem um pedaço de pão, a tarde, à volta da escola, papagueando, na inocência dos seus 10 anos, que Salazar matou a fome de Portugal inteiro, (os outros são uns pecadores e vão todos para o inferno, porque querem que ele morra depressa) e é preciso rezar para que ele viva ainda muitos anos!

É para esses, a quem o Estado mantém os filhos, porque eles ajudam a manter o Estado; é para esses que o S N I vira as suas câmeras. Porque esses podem sorrir. Porque esses podem viajar através do mundo daguerreotipados no celulólóide, sem que os espectadores longínquos fiquem sabendo que Portugal não é só o pedaço de asfalto que vai da Rua Augusta à Av. da Liberdade e da Torre de Belém à Bóca do Inferno.

# PORTUGAL CARTA DE UM ESTUDANTE

O semanário L'Express, de Paris, publicou na sua edição de 1.º de setembro uma carta sobre Salazar e Katanga que, por sua exatidão e eloquência, merece ser traduzida na íntegra. Conta como se segue:

"A imprensa tem silenciado até agora um dos aspectos do problema da divisão de Katanga.

Uma Katanga independente e em conflito com o Congo dependeria por inteiro da estrada de ferro do Lobito, que atravessa Angola. Dito de outra maneira, dependeria do governo português. Este, desejoso de encontrar apoios, não deixaria de sustentar Chombe, para conservar uma carta preciosa.

Por isso o ditador Salazar (quase sempre esquecido nas narrativas históricas da guerra de Espanha) é hoje, uma vez mais, um dos principais interessados neste assunto. Se a separação tiver êxito, saberá pôr o capitalismo belga (e também outros) ao serviço do seu poder em decomposição, e é possível que obtenha, na ONU, o voto dum Estado negro a favor... do colonialismo português".

Nada acrescentaremos como informação à missiva do jovem senhor A. M., que tais são as iniciais do autor. Apenas se deve frisar que, antes de publicá-la, o periódico deve ter comprovado a personalidade do firmante.

O interessante é que o jovem português não vacila em descobrir os baixos motivos da atuação do seu próprio governo, sem que um mal entendido patriotismo ofusque a lucidez da análise. Não abunda, por desgraça, entre os jovens de muitos países dominadores esta clareza mental e honestidade ideológica. Inclusive nos povos livres, de evidência democrática interior, se estigmatiza ao imperialismo o colonialismo, fruto dos demais. Em plena época de guerras de anexação e conquistas coloniais, a França se enternecia com a Polónia repartida; a Alemanha imperial se horrorizou pela violência inglesa contra os Boers; os Estados Unidos faziam votos pela independência e integridade da Irlanda, ou de Israel. Ainda hoje, na América do Norte se faz muita propaganda a favor da independência da Argélia, mas praticamente nenhuma a favor de Puerto Rico ou do Panamá.

Se a advertência do autor da carta é justa, por fortuna os acontecimentos de Katanga e a própria situação de Portugal contrariam vivamente os desejos do ditador lusitano. Tampouco a situação internacional é favorável a absorções deste tipo, e muito menos pela parte de um Estado no fundo débil. Por acréscimo, se é sempre oportuno recordar a cumplicidade de Salazar com o seu paquão discípulo e vizinho Franco, também este aliado se debilita com as consequências dos reflexos africanos. França e Marrocos firmaram ultimamente documento sobre evacuação total, definitiva e a breve prazo, bem determinado, das bases navais, terrestres e aéreas francesas naquele reino norte-africano. Os americanos também se vão marchando. Se a França, principal ocupante, a América do Norte, ocupante mais poderoso, abandonam as posições, que poderá fazer Franco? Não só retirar-se também, como ao mesmo tempo admitir a discussão sobre Ceuta, Melilla, Ifni, o Saara chamado espanhol e outras últimas possessões menores.

Pelo que a posição portuguesa se debilitará ainda mais na Europa, em África e no terreno internacional. A oposição compete interpretar e aproveitar, até onde cheguem as suas forças e o seu acerto, com a soberania correspondente a um país que merece igualmente ser livre.

(In: ÉPOCA, Caracas, Venezuela, 17/9/60)



# PORTUGAL PROPAGANDA TURISTICO-POLITICA

II

Existe um regime de rolha em Portugal, impedindo a imprensa de informar com a liberdade indispensável. Todo o mundo sabe, a censura só deixa publicar o que de todo não pode evitar — e pode evitar tudo o que quiser. Mesmo assim, surgem umas verdades, mostrando um pouco da realidade em que o povo português vive, e não o que a propaganda exporta ou deixa ver. Um depoimento insuspeito, a este respeito, ninguém duvida que será o do jornal "O Galato", órgão da Obra da Rua, que tem como fundador e patrono essa curiosa figura que foi o Padre Américo. Publica-se em Paço de Sousa, e o seu número de 6 de agosto do corrente ano, estabelece este confronto entre os bairros miseráveis dos negros na África portuguesa e os bairros miseráveis de Portugal metropolitano: Toda a tarde de ontem, andei por lá com os vicentinos de Lourenço Marques. (...) Já em Luanda, a impressão foi semelhante: muito favorável em comparação com barredos e curralheiras e bairros da Parceria... (...) Os casebres do nosso Douro e Trás-os-Montes, feitos de pedra sobre pedra, em ameaça permanente de ruína, deixam entrar com mais franqueza os ventos e a chuva que muitas vezes em cada inverno alagam o piso de rocha ou terra batida!

Isto consta do artigo "África", publicado na primeira página. Ao lado, num outro que o Padre Acílio assina, em referência à gente pobre e seus bairros de Setubal, classifica estes de cemitérios vivos. O Padre Manuel, na sua nota da quinzena onde trata da prostituição e mendicância, apresenta-nos o exemplo de uma mulher, cuja honra fora roubada, mas não perdida. Roubada a tróço de um bocado de pão ou promessa de uns magros tostões, informando antes que é uma história proibida que nos vai por diante dos olhos.

No Porto, a capital do mundo econômico-financeiro do império colonialista do tascismo português, o panorama não é melhor. Os 34 anos de progresso e exaltação salazarista deram frutos, milhões de frutos como o deste exemplo, registrado na página 4 por Fernando Dias: esta família é constituída por pai, mãe e seis filhos de terra idade, moradores na Rua Fonte Taurina, 56-1.º. Vivem num imundo quarto. O quarto tem 5 ou 6 metros por três de largo, se é que os tem e pagam nada menos que \$300 a \$800 por dia. A vivenda tem uma janela para a rua, porque as autoridades obrigaram a inutilizar os outros buracos...

Onde está, pois, esse paraíso em terras portuguesas que Alves Pá-nheiro nos descreve?



# NOTÍCIAS DE PORTUGAL

## 50º ANIVERSÁRIO DA REPÚBLICA

Poucas informações ainda para dar o panorama das comemorações. O governo chamando a si as realizações oficiais, fez tudo para que fosse deturpado o significado do 5 de Outubro. Por outro lado, aproveitou para fazer apelos à "unidade" (!) perante "o grave perigo que nos ameaça nas "províncias ultramarinas". Manobra típica de divisão que pretende chamar à colaboração certos setores democráticos. As comemorações realizadas pela oposição não tiveram a grandeza que a data merecia. Isto

República e cantou-se o hino nacional. Só então dispersaram, e em todos os percursos de volta, nas ruas e nas janelas, as pessoas mostravam a sua adesão, dando vivas e cantando. Na parte da tarde, os trabalhadores que tinham ido ao trabalho, pensaram fazer uma manifestação (só faltaram, de manhã, os corticeiros, e fechou o comércio e as três cooperativas do conselho). Pelas 18 horas os operários começaram a sair, organizando-se uma manifestação com mais de 400 pessoas, principalmente operários da Parry, Olho de Boi, Arsenal, corticeiros, etc. Junto da lápide de Elias Garcia, em Cacilhas, fizeram-se 2 minutos de silêncio e depois deram-se vivas e cantou-se o hino nacional. A PSP desta vez apareceu com mais força, impedindo que

teara há 50 anos, dizendo: "Este farrapo tem a idade da República". A assistência rompeu aos vivas à República, à Democracia e à anistia, e a gritar: "Fora Salazar", "Abaixo o fascismo!". Falaram depois vários operários contra a repressão, pela amnistia, e exortaram à unidade de todos os democratas relevando a importância do próximo acto eleitoral. Quando ia dar-se início à assinatura de várias mensagens chegou ao local uma camioneta com mais de 50 soldados da GNR que de armas na mão entraram na casa e prenderam as pessoas que lá se encontravam (cerca de 50).

Em S. Martinho da Anta (perto de Vila Real), a GNR assaltou uma manifestação de republicanos no dia 5 de outubro, prendendo 50 pessoas.



Um aspecto da concentração do Povo de Lisboa no Cemitério Oriental, em 5 de Outubro, para homenagear as vítimas da Revolução.

explica-se pela falta de organização e pela repressão que o fascismo desencadeou. Em Lisboa cerca de 3.000 pessoas foram em romagem ao Alto de S. João, saindo daí uma manifestação que desceu a rua Moraes Soares e a Av. Alm. Reis aos vivas à Democracia e pedindo anistia. A polícia (PSP) e a GNR tentaram dispersar por duas vezes esta multidão, não conseguindo evitar, entretanto, que chegasse à praça do município. Daqui subiu a R. do Ouro, onde saudou o professor Azevedo Gomes, que se encontrava a uma janela, onde tinha hasteado uma bandeira nacional. Foi aqui que a PIDE entrou em força, espancando e dispersando as pessoas.

No Couço: Mais de 3.000 pessoas desfilarão das 9 às 12 no cemitério local.

Em Alcórrego e outras localidades alentejanas também houve manifestações.

Em Almada: com pequenas reuniões, os trabalhadores decidiram concentrar-se no largo da Cova da Piedade. Mais de cem pessoas, encabeçadas por umas vinte mulheres, que iam colocando em tódas as lapelas umas rosetas verde-ruibras, dirigiram-se daí para Cacilhas. A sua passagem arrastava mais gente, de modo que quando chegaram à casa onde viveu Elias Garcia, estariam mais de 300 pessoas, dirigiram-se para o cemitério de Almada. A polícia foi procurando dispersá-las, e no cemitério estava o chefe da PSP com um forte contingente. Apesar disso, os manifestantes aproximaram-se da campa do Dr. Alberto de Araújo. Ai, depois de terem colocado uma palma, deram-se vivas à

os manifestantes se dirigissem ao cemitério.

No Barreiro: Foram lançados muitos foguetes e morteiros. Muita gente seguiu para Lisboa, para ir ao Alto de S. João. À tarde, houve casa do democrata Manuel Cabanas, para daí seguirem a prestar homenagem ao velho republicano José Augusto Guedes que no dia 5 de Outubro de 1910 hasteou a bandeira da República na Câmara Municipal do Barreiro. Usaram da palavra os democratas Manuel Cabanas e Artur Tavares, fazendo o elogio do homenageado e enaltecendo o regime republicano e a democracia; criticou-se o regime salazarista. O homenageado falou seguidamente, recordando alguns acontecimentos da implantação da República e, com lágrimas nos olhos, retirou do bolso um pequeno farrapo da bandeira que has-

## Reuniões de Unidade

Em várias terras têm continuado a fazer-se reuniões de trabalhadores para discutir os problemas do trabalho, do contrato colectivo, etc. Em algumas dessas reuniões tem-se escolhido Comissões. Além disso foi realizada uma nova reunião com elementos de várias terras. Nesta reunião, em que foram relatadas as lutas travadas, e em especial a necessidade da luta por um contrato colectivo, havia elementos do Alto e do Baixo Alentejo. Nessas reuniões, com várias mulheres e alguns pequenos agricultores, além dos problemas dos operários agrícolas, levantaram-se também os dos pequenos agricultores,



No Largo do Município, finda a cerimônia do hasteamento da bandeira da Revolução, quando o povo foi obrigado a dispersar-se sob intervenção das forças policiais.

o que interessou muito estes. Em Évora muitos agricultores reuniram-se no Grémio da Lavoura e enviaram um telegrama ao Secretário de Estado da Agricultura, protestando contra a situação insustentável em que ficaram, porque o Ministério das Finanças indeferiu o pedido feito pela Corporação da Lavoura duma moratória nos empréstimos feitos aos produtores de trigo.

A uns 3 quilómetros do Couço, junto da Ribeira de Sor, reuniram-se mais de duas mil pessoas. Estavam pessoas de Mora, Coruche, Montargil, Vila Franca, Barreiro e Lisboa, marinheiros e soldados. Elementos da GNR também apareceram, de certo como "observadores", mas houve alguns que acabaram por confraternizar. Cantaram-se muitas canções, pelo chão estendeu-se a mesa que tinha mais de 200 metros de comprimento. De vez em quando ouvia-se uma voz a dar vivas à liberdade e à democracia, e todos respondiam em cântico. Falou-se da actual situação política, das eleições que se aproximam, recordou-se a data do 14 de Agosto (Aljubarrota) em que a juventude e o povo em geral soube impor o rei da sua escolha contra o rei castelhano; falou-se da Paz e da ida dos soldados para África, para fazer a guerra colonial que Salazar deseja; falou-se da repressão e da luta contra ela, da amnistia, da situação económica dos trabalhadores, dos salários de miséria, do desemprego, dos pequenos e médios produtores e comerciantes, no sentido de fazer frente à ofensiva do governo contra os interesses dos trabalhadores e das classes médias. Recitaram-se versos alusivos à fuga de Peniche, às eleições, à liberdade, etc. Houve um grande baile em que todos dançaram. E, ao som do acordeon, em marcha compacta, marcharam até à praça 5 de Outubro, no Couço, sempre a cantar e enchendo a estrada.

## SALÁRIO DE FOME E DESEMPREGO

Em Montemor-o-Novo, um rancho de trabalhadores da carvoeira Brejos, lutaram por melhor salário e conseguiram um aumento de 5\$00 à jornada de 25\$00 que recebiam.

No Couço, os trabalhadores desempregados concentraram-se na Casa do Povo; o presidente quis fechar a casa, não tendo conseguido. Os trabalhadores ameaçaram de ir buscar as mulheres e os filhos se não conseguissem trabalho, para fazer uma manifestação de protesto e ir buscar de comer onde o houvesse. No dia seguinte, conseguiram trabalho com diárias de 20\$00 no máximo.

Em Montargil, Coruche, Aviz, Alcórrego, Pias, etc., os trabalhadores desempregados têm vindo a unirem-se para exigirem trabalho, realizando concentrações nas Casas do Povo, Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia. As maiores diárias, contudo, que têm conseguido são de 20\$00.

Em Alpiarça, as mulheres estão-se recusando a trabalhar de sol a sol (o que lhes leva umas 12 horas) por 20\$00, nos arrozais e vindimas.

## VÁRIAS

Pelo País, e especialmente em Braga, onde se encontrava estabelecido como livreiro, está circulando um abaixo assinado pedindo a libertação do Dr. Victor de Sá.

A homenagem a Miguel Torga, que se devia realizar em S. Martinho da Anta, onde este grande escritor nasceu, foi proibida pelo governador civil de Vila Real. A programação, de princípio, tinha o patrocínio da Fundação Gulbenkian, que acabou por se retirar com armas e bagagens, com o pretexto da homenagem não ter um cunho nacional.

Numa propriedade do ex-ministro fascista, Sarmento Rodrí-

gues, com a colaboração de outras "dignas autoridades" como o Presidente da Câmara Municipal, os trabalhadores são forçados a prestarem serviço com o salário... de 12\$00 por dia.

Foi proibido o livro do Padre Telmo Ferraz, intitulado "O Iodo e as estrelas".

A participação das mulheres portuguesas na angariação de assinaturas pedindo completa anistia para os presos políticos, e mais uma vez burlada pelo charlatão fradesco de Santa Combação, foi das mais brilhantes e ativas.

## PORTUGAL DEMOCRÁTICO

DIRETOR-RESPONSÁVEL

Otávio Martins de Moura

CONSELHO DE REDACÇÃO

João Sarmento Pimentel  
Presidente de Honra

Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria de Araújo, Fernando Correia da Silva, Fernando Lemos, Henrique Pereira Santo, Jorge de Sena, Paulo de Castro, Vitor Ramos.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Antonio Bidarra Fonseca, Carlos Cruz, Carlos Neves, Francisco Lopes, Manuel Ferreira Moura, Silvério da Costa Letra.

REPRESENTANTES

RIO DE JANEIRO — SUPCURSAL: — Av. Rio Branco, 185 — Gr. 509 — Edif. Marquês de Herval — Telefone: 22-9224 ROMAX IMP. EXP. LTDA.

FORTALEZA: Dr. Carlos d'Alge — Rua Senador Pompeu, 832 — Fortaleza — Ceará JUIZ DE FORA: Manuel Augusto Soares d'Oliveira — Rua Marechal Deodoro, 334 — Juiz de Fora (M.G.)

BELO HORIZONTE: Virgolino Pereira Vilhena — Rua Rio de Janeiro, 300 — sala 304 — Caixa Postal 24 — Belo Horizonte — (Minas Gerais)

PORTO ALEGRE: Fernando Temudo de Almeida Soares — Edif. Chaves, 12º, s/1201 — Caixa Postal 2.599 — Porto Alegre — Rio Grande do Sul INGLATERRA: Grupo de Portugueses Democratas da Inglaterra (GPDI) 374, Gray's Inn Road, W. C. 1 — London, CANADÁ: Comitê dos Portugueses Democratas do Canadá — 47 Barrymore Road — Scarborough — Ontário — Canadá FRANÇA: Tomás Ferreira Rato, 29 Rue St. André des Arts — Paris, 6.me.

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas.

ARGENTINA — Joaquim dos Santos — Calle de Los Llanos, 1790 — DOCK SUR. — Avellaneda — Buenos Aires URUGUAI — Agrupação de Portugueses Democratas — Colônia 1.013 — P. 7 — Montevideu

CHECOSLOVÁQUIA: Manuel Nunes — Hotel "International" — Praha 6 — Dejvice.

REDAÇÃO

Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Caixa Postal 4.469 — Tel.: 37-0933 — São Paulo

EXPEDIENTE

Dias úteis: das 19 às 22 horas  
Sábados: das 15 às 18 horas

Número avulso: Cr 5,00  
Assinatura anual: Cr\$ 200,00  
Assinatura especial: Cr\$ 500,00  
Ass. p/ o Exterior: \$3,00 U.S.

Ano IV - N.º 43 - Dez. de 1960

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.